ANO 9.º LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1930 N.º 2687

Diario de Lisbôa

Numero avulso 90 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa 47, 1.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 45
TELEFONES { Direcção: T. 182 Redacção: T. 183 e 184
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A TRANSFERENCIA do antigo Encarregado de Negocios de Cuba em Lisboa, o nosso amigo sr. Enrique Molina, causou grande impressão nos nossos meios diplomatico e intelectual, onde o grande propagandista dos valores e belezas da sua Patria conta francas simpatias. A Enrique Molina se deve o restabelecimento da legação de Portugal na Havana, os trabalhos preparatorios para um Tratado de Comercio de grande interesse para os dois paises, o ter dado a conhecer a literatura portuguesa em Cuba, ajudado pelo ex-ministro dr. Antonio Iraizoz, e ainda a ideia da ida duma embaixada intelectual portuguesa á "Perola das Antilhas„.

Os jornalistas portugueses tambem não podem esquecer a simpatica camaradagem que o antigo jornalista sempre com eles tem mantido, nem o gesto amavel de ter feito uma bela conferencia no seu sindicato profissional.

Consola-nos, porém, a ideia de que Enrique Molina, ao partir para Charleston, não nos diz "adeus„, mas apenas "até á volta„, porque assim o deseja o seu espirito já arreigado ás pessoas e coisas da terra portuguesa.

* * *

INFORMAM-NOS de que uma grande parte do peixe que apodrece no Tejo, por não ser possivel descarrega-lo, é comprada por um negociante da Outra Banda que o aplica á engorda de porcos. Ignoramos em que medida isto virá a ser util ou danoso para os consumidores. O mesmo não acontece com o cheiro pestilencial que o peixe espalha nas povoações visinhas de Coina — cheiro que se faz sentir nauseantemente a centenas e centenas de metros de distancia.

Muita gente se nos tem dirigido, pedindo a nossa intervenção no assunto

Apelamos para o sr. sub-delegado de saude de Almada, na certeza de que cumprirá o seu dever, se fôr caso disso.

Achamos, pelo menos, extravagante que se alimentem suinos com peixe pôdre, mas muito mais extravante que se envenene o ar que respiram os habitantes da Outra Banda já por conta da carne que possivelmente terão que consumir.

* * *

EDUARDO Malta, pintor, apesar de muito novo, encetou a publicação das suas "memorias„, com este titulo — *Montanhas russas*.

Temos assim Eduardo Malta escritor. Nas suas pinturas traça o retrato dos outros; neste seu livro, dá-nos o seu auto-retrato.

O mesmo pincel juvenil e inteligente, na mesma mão febril e palpitante.

* * *

O ILUSTRE jornalista João Luzo, realiza ámanhã, na Sociedade Nacionel de Belas Artes, uma conferencia intitulada — "O amor nas quadras populares brasileiras e portuguesas„.

No proximo dia 19, pelas 13 horas, será oferecido no Café Tavares, ao ilustre jornalista, um almoço de homenagem.

A inscrição está aberta naquele café.

João de Deus

Para honra dos portugueses e prestigio de Portugal, esperemos que a celebração do centenario de João de Deus, ha dias iniciada, revista a amplitude, o significado e a importancia devidos a esse genio admiravel.

O grupo dos «*Amigos de João de Deus*» devotamente organizou um simpatico e judicioso programa de comemorações. Mas o concurso do povo — que teve no Poeta um interprete fiel da sua sensibilidade e o melhor educador da inteligencia dos seus filhos — impõe-se e é necessario ás festas projectadas.

Os versos de João de Deus — não o esqueçamos nunca! — não valem apenas como literatura, literatura, aliás, de essencia e beleza imortais. São mais alguma coisa: — supremas e limpidas cristalizações da alma da raça, na sua vibração candida, no seu entusiasmo e frescura adolescentes, no seu misticismo ingenuo, cujo vôo lirico ascende — tal como, no dizer de Afonso Lopes Vieira, toda a poesia de João de Deus — «*do peito redondo de Maria á curva do ceu infinito*». E a sua obra pedagogica — essa amoravel «*Cartilha Maternal*» — é um prodigioso e prático instrumento de ensino das primeiras letras, dadiva opulenta a um país ansioso de sacudir de vez a triste vergonha do analfabetismo e portanto, aos ideais e ás exigencias civicas, no seu tempo já bem claras, da democracia portuguesa.

Demais a mais, na «*Cartilha Maternal*» não se aprende só a lêr. Pelo cuidado, pelo desvelo, instante a instante postos em despertar, em conduzir e orientar o raciocinio do aluno — aprende-se tambem a saber pensar. E pensar, raciocinar é ainda o processo mais seguro — para não dizer o unico — de cada um de nós conseguir ser um cidadão consciente...

Não se julgue que estou assim reduzindo João de Deus á categoria de politico. Ele andou sempre muito longe de quaisquer preocupações dessa natureza. A verdade, porém, é que a sua «*Cartilha Maternal*» representa uma formidavel arma de combate contra a subserviencia e a escravidão mentais que em tantas épocas infelizmente nos caracterizaram.

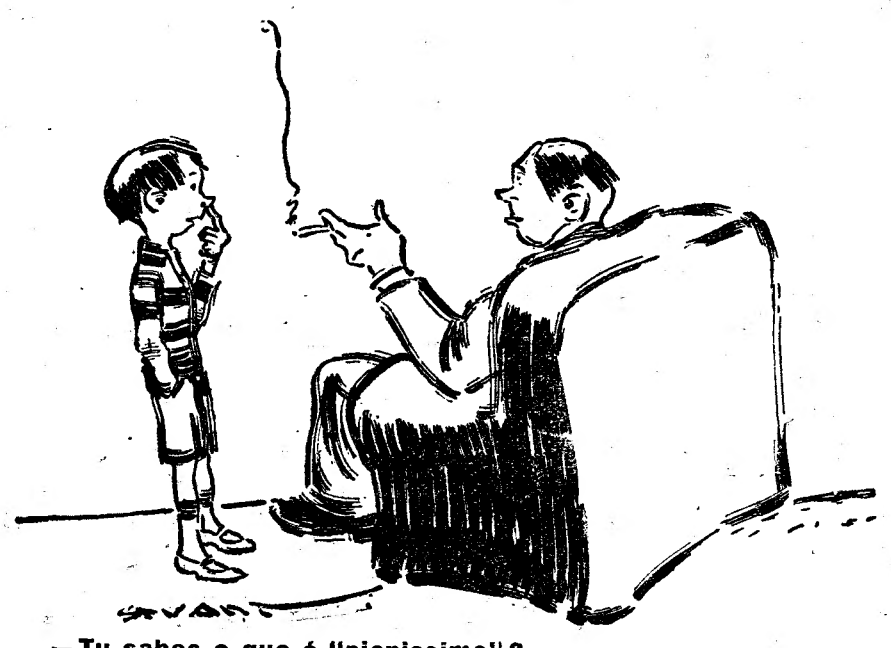
Que misteriosas relações haveria entre a sua arte delicadissima, aristocratica pela forma e pela nobreza da emoção, liberta de ouropeis vistosos e de pedantices retoricas, arte de solitaria e meditativa veemencia — e a sua atitude de educador, combativa, ardorosa, militante? Ambas nasceram, afinal, do mesmo contacto intimo com o sentir dos humildes, dos simples, dos sinceros — fonte sempre borbulhante e môça de inspiração e de acção, de silencios criadores e de generosidades comunicativas. Contacto que só o genio e a bondade — bondade em João de Deus subindo tão alto que fulgurava como um segundo genio — conseguem e realizam inteiramente, e decerto mais por telepatia espiritual do que por convivencia quotidiana...

Esse poeta, que nunca pronunciou uma palavra de revolta ou de protesto, foi rebelde a todas as lições dos mestres do momento, e irmanou o ritmo da sua poesia, tão pura e tão elevada, ao ritmo singelo e sádio da poesia popular. Esse homem, que nunca pretendeu lugares nem situações, foi, na sua actividade social, um apostolo, um defensor convicto da difusão maxima do ensino, oferecendo á Patria um optimo, eficiente utensilio de cultura intelectual.

Eis a razão por que desejo a presença das nossas multidões nas festas do centenario de João de Deus. Se ele vivo fôsse, as homenagens dos seus pares não lhe desagradariam sem duvida. Mas o aplauso dos ignorados, dos pobres, dos pequeninos em fortuna, em posição, em sciencia, erguendo-se em comovida gratidão, o desvaneceria, o compensaria mais do que tudo. E' que ternura fraterna da sua ternura imensa, é que bondade semelhante á sua bondade varonil — só é possivel encontrá-las no coração do povo, berço fecundo de todos os sonhos alados, regaço carinhoso de todas as energias construtivas...

JOÃO DE BARROS

Depois do concerto



— Tu sabes o que é "pianissimo"?
— Sei... é a altura em que o publico começa a tossir...

O DIRECTOR do "Reichsbank„ chegou hoje a Haya, onde a sua presença é desejada por uns e receada por outros.

Ele representa a Alemanha das cifras, das montanhas de marcos que o Banco Internacional de Pagamentos ha-de recolher, nos seus cofres tenebrosos e profundos.

O dr. Schacht, que é uma alta capacidade financeira, vai pôr um *sim* ou um *não*, diante das reclamações das potencias aliadas. E estas, iradas ou sorridentes, leva-lo-hão a substituir as respostas terminantes, o espinhoso *não* e o suave *sim*, por meio de reticencias.

E a questão das reparações acabará, reconhecendo a Alemanha que tem que pagar e os seus credores que têm que receber — aquela o que reputa excessivo e estes o que julgam insuficiente e mesquinho.

* * *

O GOVERNO espanhol concedeu um credito de 170:000 pesetas para a inauguração da Casa da Imprensa, obra que acompanhou desde o inicio, dedicando-lhe sempre uma atenção especial.

A proposito deste auxilio, diz "La Nacion„ que o governo da ditadura procurou sempre contribuir para um maior prestigio da Imprensa, convencido como está de que é o melhor instrumento de propaganda e de educação dum povo.

* * *

A "LIGA Portuguesa de Profilaxia Social„ continua exercendo a sua missão, em defesa da suade publica. Os problemas que respeitam á defesa higienica e tambem moral dum povo encontram na Liga uma atenção esclarecida.

A carta que o sr. dr. Alfredo de Magalhães dirige ao sr. ministro do Interior sôbre a hospitalisação dos loucos é um documento de muito valor que merece ser atendido nas providencias que reclama.

* * *

MUSSOLINI, que continua a dar nome aos anos antes destes começarem, —como, por exemplo, o "Ano Imperial" e o "Ano do Trigo„, denominou este de 1930 "Ano de Vergilio", por ser o do bimilenario do poeta, que nasceu a 15 de Outubro.

* * *

A DIRECÇÃO do Centro Republicano Escolar de Belem, na sua sessão de 8 do corrente, deliberou por unanimidade de votos exarar na acta um voto de saudação á imprensa republicana portuguesa.

* * *

O "DIARIO DO GOVERNO„ publica hoje um decreto condecorando com a grã-cruz da Ordem de Instrução Publica o sr. dr. Caeiro da Mata, ilustre reitor da Universidade de Lisboa.

* * *

NO «sud-express", seguiu hoje para Paris, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. João Ulrich, governador do Banco Nacional Ultramarino.

* * *

ESTÁ aprontando, a fim de seguir para os Açores, o cruzador "Vasco da Gama„.

Radiotonia

Programas escolhidos

PARA ESTA NOITE, recomendamos aos amadores a audição das seguintes emissoras estrangeiras, por ordem crescente de comprimentos de onda:

Leipzig (259 m.), ás 20,00. Canções populares Suissas.

Radio-Catalana (268 m.), das 19,00 ás 20,30. Variado concerto fonografico, incluindo duas árias de «Lohengrin» (Wagner) e a «Sonata em lá bemol» de Beethoven.

Napoles (333 m.), ás 20,05. Musica sinfonica de Smetana, Rimsky-Korsakoff e Svendsen. A's 20,30, a ópera em um acto, de Mascagni, «Cavalleria Rusticana».

Londres 2 LO (356 m.), ás 21,20. Discussão entre dois famosos corredores automobilistas sôbre se devem abolir ou não as provas de velocidade maxima. A's 22,15, recital de viola e piano: «Sonata e serenata» (Delins); «Sonata em dó maior» (Grieg).

Barcelona (350,5 m.), ás 22,05. Concerto a cargo da soprano Joaquina Albarracin. A fechar «Sinfonia n.º 1, em dó maior» (Beethoven).

Stuttgart (360 m.), ás 19,00. Concerto de orguestra: obras de Wagner («Rienzi»), Verdi e Strauss.

Sevilha (368 m.), ás 21,15. Recital de Lieder: obras de Leroux, Beruheim, Villa-Lobos, Dupar, Gounod, Fauré. A fechar, audição completa do bailado de Stravinsky, «O passaro de fogo».

Hamburgo (372 m.), ás 19,15. Concerto sinfonico: Obras de Gluck, Tchaikowsky, Beethoven, Schumann.

Toulouse (380 m.), ás 19,00. Canções russas A's 20,15, concerto sinfonicc: Guerrero, Bruneau, Kreutzer, Gallos. A's 21,00, Berlioz, Offenbach, Reyer e Mozart.

Genova (387 m.), ás 19,40. «A Boneca», opereta em três actos, de Audran.

Roma (441 m.), ás 20,00. Concerto de musica ligeira.

Langenberg (473 m.), ás 19,00. Concerto de obras de Lanner e Johann Strauss.

Daventry 5 GB (479 m.), ás 20,30. Recital de piano: Beethoven, Brahms, Chopin, Mozart e Liszt. A's 21,00, selecção de comedias musicadas.

Milão (500 m.), ás 19,35. Jazz sinfonico.

Munich (593 m.), ás 19,45. Musica de camara.

PRATAS ARTISTICAS
Reis, Filhos — do Porto
Representante, venda e deposito:
Ouriveria ELOY DE JESUS
43 — R. GARRETT — 45

Conselho Superior de Viação

AVISO

Para uniformidade das informações que os proprietarios das viaturas automoveis têm de prestar até 31 do corrente, nos termos do art.º 4.º e 9.º do decreto n.º 17.813, de 30 de Dezembro de 1929, o Conselho Superior de Viação já mandou imprimir e vai distribuir por todas as Camaras Municipais do País ,os impressos a preencher, os quais podem ser solicitados nas mesmas, gratuitamente, a partir do dia 15 do corrente.

Dr. Tedeschi Neves
ASMA E BRONQUITES
Novo tratamento de resultados rapidos.
R. da Prata, 166, 2.º — Das 12 ás 16

Sortes grandes ?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

✝

Joaquina Avelina da Conceição Jorge Otero, viuva de Bento Otero

FALECEU

Seu irmão, Lidia Pinho, Manoel Bento de Pinho, Manoel Pedreira Otero, cumprem o dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade, o falecimento de sua querida irmã, tia e prima, e que o seu funeral terá lugar, amanhã 14 do corrente, pelas 15 e 1|2, da sua casa, rua Prior do Crato, 126, para o cemiterio dos Prazeres, não se fazendo convites especiaes, pelo estado de consternação em que se encontram.

Trata Agencia Batista, d'Alcantara — Telefone 317-Belem.

CRONICA

UM CASO de feminismo

Ha dias li num jornal — na *Gazeta* creio eu — uma curiosa e energica decisão das "mulheres a dias„ de Paris.

A crise da vida faz-se sentir em toda a parte. Aparentemente as causas variam, mas no fundo são talvez as mesmas, e os resultados semelhantes.

Muitas vezes ponho-me a pensar que sofremos, afinal, dum excesso de civilização. Um camion produz, com um só homem, uma soma de trabalho maior do que uma duzia de carroças. Poupam-se braços e tempo, mas o que fazem os onze carroceiros que teriam trabalho sem o camion?

Começo, muito francamente, a sentir-me inimiga do progresso, que não considero "progresso„. Progresso, quanto a mim, é tudo o que nos aperfeiçoe corpo e alma, — isto é: tudo o que nos dê maior soma de saude, de bondade, de alegria.

Esse é que nos dá o amor de Deus e da vida, é que nos torna fraternais para o proximo, aptos para o bem, para o trabalho, para a familia, seja a nossa, seja a grande familia humana.

O progresso que inventa gazes mortiferos, e aviões que abreviam distancias para os ir lançar sôbre as populações aterradas; o progresso que torna os homens mais ferozes e obriga a sciencia a criar maior numero de inventos destrutivos do que descobertas humanitarias; o progresso que fusila gente a granel em nome de ideias altruistas de fraternidade universal e que gasta em tudo isso o dinheiro que podia remediar a fome, a doença, a miseria fisica e moral e não consegue que os congressos de Paz dêem o minimo resultado apreciavel, — esse progresso para mim é nulo.

Preferiria a bondade e a paz, com as suas alegrias serenas, entre gente que andasse de carro de bois, que desconhecesse a T. S. F. e outras complicações e comodidades duma avançada civilização.

E afinal, talvez seja para escangalhar isto tudo que tendem os esforços de tantos benemeritos.

A criança humana já está farta de tão luxuosos brinquedos...

Mas vejam a que divagações me levou o caso das "mulheres a dias"! Isto e que é bem feminino...

Em Paris, como todos sabem, a maior parte da gente de meios medianos prescinde da criada, e comendo fóra e fazendo os trabalhos mais leves, utiliza-se da "mulher a dias" para o serviço e limpeza da casa.

Aproveitando, pois, a situação que as circunstancias lhe criam, a "mulher a dias„ faz, colectivamente, as suas exigencias: mais uns tantos centimos por fazer um recado e pelas distancias que percorra, e mais outros tantos conforme os andares a que suba e os serviços que faça.

Se a dona da casa, por economia, ou escassez de recursos, quizer fazer as suas compras, deverá dar indemnisação á "mulher a dias„ da percentagem que perde nas lojas que frequenta.

Não deixa de ser curioso este caso de energia feminista, pois vai justamente atingir outras mulheres, as sacrificadas donas de casa da classe média, que já têm de lutar com tantas dificuldades da crise actual, e tanto lhe sofrem as consequencias.

O assunto deve resolver-se no principio de Janeiro e não o sendo a contento das "mulheres a dias„, estas fazem gréve.

As donas de casa de Paris precisam de pensar na solução dum problema que será, talvez, resolvido em seu desfavor, e que, não o sendo, as "mulheres a dias„ têm mil meios de lhe fazer expiar tal vitoria, em má vontade nos serviços de que as encarregam.

E as "mulheres a dias„ ainda compõem um numeroso e aguerrido exercito, capaz de assustar um parlamento, até na eloquencia....

A's donas de casa resta um recurso: as que não possam mudar a sua residencia para um hotel ou pensão, tornem-se "mulheres a dias„ na sua propria casa, ou, mais vantajosamente, na casa alheia.

Maria de Carvalho

OLIMPIA CLUB
Estreia Sensacional das Ballarinas
Hermanas Kelly
que pela 1.ª vez trabalham em Portugal.
Na Taverne — Fados por:
Maria Alice
E
Filipe Pinto

Julio das Farturas
PARQUE MAYER
HOJE E AMANHÃ
A Criminosa 6 partes
2 partes comicas
Pela grafonola electrica musica, fados e canções.
Todas as noites entrada livre neste pavilhão.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

Café Italia
Nova gerencia — Concertos musicais á tarde e á noite, sob a direcção do violinista Raul de Campos.

Montepio Geral

Associação de Socorros Mútuos
FUNDADA EM 1840

Assembléa Geral Ordinária

Convoco a Assembléa Geral a reúnir, em prorrogação de sessão ordinária, no próximo dia 15 de Janeiro de 1930, pelas 21 horas, sendo a ordem dos trabalhos:

1.º — Proposta da Direcção sôbre Bolsas de Estudo;

2.º — Proposta da Direcção para aplicação de fundos á construção de habitações destinadas aos sócios.

Lisboa, Sala das Sessões da Assembléa Geral, 8 de Janeiro de 1930.

O Presidente da Mesa
(a) *João Ferreira Craveiro Lopes de Oliveira*

PAPELARIA MARQUES
GRANDIOSO SORTIMENTO
Artigos para escritorio. Canetas com tinta. Estojos para desenho. Pastas, Carteiras, Caixas de papel, Lapiseiras EDACOTO e Ehversharp. Tintas para pintura a oleo, tintas e lapis para pintar tecidos.
REMESSAS PARA A PROVINCIA:
Rua do Ouro, 86 — LISBOA

Liquidação de **Casacos de Peles**
A Esc. 900$00, 960$00, 980$00, 1.200$00, 1.500$00, 1.800$00, etc.
A POMPADOUR
Casa de Espartilhos e Cintas
28 — CHIADO — 30

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as

Condessa de Porto Côvo da Bandeira, viscondessa de Nespereira, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, D. Branca Seabra Pereira, D. Maria dos Prazeres Cirne de Bettencourt, D. Rosalina Pinto Coelho Martins de Lima, D. Maria de Meneses Peixoto Taveira, D. Helena Bordallo Pinheiro, D. Emilia Pinto Leite de Bessa, D. Adelaide Lorena Veloso Corte Real, D. Emilia da Silva Faria Braga, D. Conceição Ferreira Morgado de Sousa, D. Filomena Adelaide Dores Santos Valente e D. Hortense Gomes Militão.

E os srs.:

D. Alvaro de Palva, dr. Gil Ayres de Gouveia Alcoforado, Ignacio Rebelo de Andrade, Fernando Luiz Ferreira Pinto Basto, Fernando Beires do Vale, José da Costa Carvalho Talone (Ribamar), José de Albuquerque Pimentel de Vasconcelos, João Valente Teles da Sylva (Tarouca) e Carlos Salgado.

Joshua Benoliel

—Faz hoje anos o nosso querido amigo e conhecido reporter fotografico Joshua Benoliel,

Nascimentos

A sr.ª D. Maria Manuela do Carmo Perdigão Cid, esposa do distinto clinico sr. dr. Raul Perdigão Cid, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho, estão perfeitamente bem.

Concertos elegantes

No Gimnasio

Revestiu extraordinario brilhantismo a tarde de ontem no Gimnasio, onde se realizou o Festival Wagneriano, organizado pela orquestra sinfonica portuguesa sob a regencia do maestro Fernandes Fão, oferecendo a sala de espectaculos um aspecto verdadeiramente encantador. Na assistecia recorda-nos ter visto entre outras as sr.as:

Condessa de Gonçalves Pereira, condessa de Faria, viscondessa de Silvares, D. Maria Luisa Beirão da Veiga, D. Maria Gil Beirão, D. Maria Rosa da Silva Beirão, D. Joaquina Veiga, D. Maria da Gloria de Almeida Cayola Zagalo, D. Maria Ana de Borja Trindade Dias e filha, D. Maria Ferreira Lima de Almeida Belo, D. Maria Vilardebó Loureiro, D. Maria Diogo da Silva Cancela, D. Maria Gabriela Goulard de Sousa Caldas Forte, D. Amelia Rojão Cayola Bastos, D. Carolina Manso Preto, D. Julia Gomes Amzalack, madame Morna, D. Julia de Sousa Fonseca, madame Dias Ferrão e filhas, D. Carolina Seixas Palma, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria Luisa Gomes de Miranda, D. Raquel Amraham, D. Maria Izabel da Silveira, D. Maria José Matoso, D. Maria Clara de Oliveira, D. Maria Margarida Seixas Pereira, mesdemoiselles Sousa e Silva, etc.

Nos intervalos foi elegantemente concorrido o «chá» no «restaurant» do teatro, que a cargo do secretario teatral sr. Costa Pereira, que acaba de sofrer varias madificações que o transformaram por completo em centro de elegancia.

No Conservatorio

Constituiu um verdadeiro acontecimento artistico e mundano o concerto de ontem no salão do Conservatorio de Lisboa, organisado pela ilustre amadora de canto sr.ª D. Ema Romero Santos Fonseca, saindo o publico selecto que enchia por completo o vasto salão deliciosamente encantado com os momentos que a sua organizadora lhes proporcionou.

A sr.ª D. Ema Romero Santos Fonseca deve ter ficado plenamente satisfeita com o exito obtido, tanto artistico comom undano, pois na assistencia via-se grande numero de familias da nossa melhor sociedade.

Pontos de reunião

No Nacional

Assistencia elegante á estreia neste teatro na noite de sabado passado do primeiro original português da temporada do brilhante dramaturgo sr. dr. Ramada Curto, intitulado «A Boneca e os Fantoches»:

Viscondessa de Silvares, D. Flora Fernandes Tomaz de Sousa Rodrigues, D. Sara da Mota Vieira Marques, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filha, D. Francisca Teles da Sylva Pacheco, D. Luisa de Sousa e Holstein Beck Correia de Sá, D. Maria Luisa de Vasconcelos Porto Teles, D. Suzana de Castro, D. Maria Luisa de Almeida Brandão Abecassis, D. Maria do Carmo Belmarço Pereira de Carvalho, D. Alice Pereira de Carvalho de Brion, D. Elvira da Costa Novais, D. Branca de Gonta Colaço, D. Irene de Gonta, D. Beatriz Nogueira Sales, D. Maria da Gloria de Almeida Cayola Zagalo, D. Maria das Dores de Melo e Castro Trigoso, D. Izabel da Silva Machado, D. Maria Helena Nobre da Costa, madame Santos Mendonça, D. Maria Gabriela Goulard de Sousa Caldas Forte, madame Ferreira de Carvalho Borges, D. Maria Fernanda de Castro Ferro, D. Maria da Conceição Placido de Torres Pereira, D. Joana Rey Colaço de Castro Freire, madame Alvaro Ferreira, D. Guilhermina Suggia, madame Penchy Dias Costa, D. Ala Rodrigues de Macedo, D. Palmira Santos, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Magdalena Ribeiro Colaço, D. Maria do Carmo Prostes da Fonseca de Andrade, D. Maria Rosa Caldeira Coelho Futcher Pereira, D. Felecidade Pereira de Carvalho, madame Antonio Soares, D. Virginia Victorino, D. Adelia Pereira, mesdemoiseles Costa e Silva, etc.

Em viagem

Para as suas propriedades em Guares, Puentareias, partiu do Monte Estoril, a sr.ª D. Erminia Peres Alves, esposa do sr. Victoriano Alves.

—Parte em breve, para a Alemanha, em missão de estudo, o engenheiro sr. Luis de Sá Pereira.

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

ESTORIL
Hotel do Parque

PAGINA DESPORTIVA

A vitoria de Portugal

contra a Checoslovaquia

deve pôr termo

ás nossas dissidencias desportivas

Vencemos! E quando todos esperavam que a nossa équipe sucumbisse á técnica, á virtuosidade, á sciencia fantastica dos profissionais checos, a vitoria apareceu-nos sem a mais pequena sombra, sem nada, absolutamente nada, a empanar o brilho dum resultado tão logico como foi o de ontem.

Dá gosto vêr jogar assim.

Pelas impressões de momento, colhidas nc campo, na visão rapida do correr do jogo, dá vontade de escrever: dois homens se salientaram, mas depois... dois não, foram quatro, quatro não, foram sete, sete não, foram todos. Foram todos os onze de Portugal que jogaram para ganhar, que, sem um desfalecimento, constituiram o nosso primeiro triunfo este ano.

Na altura de sermos dominadores o nosso ataque brilhou, teceu em redor da defesa checa a teia forte, dificilmente destruivel, que nos levou á vitoria.

No periodo de dominados a nossa defesa brilhou e conseguiu que as nossas balisas fossem inexpugnaveis e se mantivessem virgens até o fim do encontro.

E a meia defesa, quer num, quer noutro periodo realizou um trabalho que merece os nossos maiores elogios.

Dizem que os checos não alinharam o seu melhor, que faltou Kada, que faltaram outros bons elementos...

Mas então os checos, nação de primeira plana no foot-ball europeu, tambem só tem, como nós, miseros 90.000 quilometros quadrados, onze jogadores para a sua équipe nacional?

Os seus representantes de ontem eram bons, muito bons mesmo, mas como se costuma dizer.

Começámos ha pouco um periodo a dizer que se salientaram dois... e mais e mais.

Realmente foi verdade. Carlos Rodrigues e Vitor Silva foram os dois expoentes maximos do nosso grupo representativo.

O primeiro, combativo, energico, tendo na sua frente dois companheiros de clube, jogou. Jogou como um médio nacional ha muito tempo não joga.

Na defesa saiu-se sempre bem e na colaboração ao seu quinteto avançado, se nem sempre foi feliz, foi quasi sempre oportuno nos passes feitos.

Vitor Silva, principalmente na primeira parte, foi um colosso. As coisas estupendamente bem feitas que fez, ofuscam por completo qualquer infelicidade, que algumas teve, nas passagens aos seus companheiros.

Tirem Vitor de avançado centro e verão o rendimento que a linha de avançados hade dar.

Os defesas, o guarda-rêdes, este ultimo com a sorte a bafeja-lo, os outros médios, os outros avançados, todos foram bons, todos deram o seu maximo esforço para que as côres portuguesas saissem vitoriosas duma luta que de antemão se julgava perdida.

Não se perdeu, ganhámos; e ganhámos duma maneira indiscutivel vencendo uma das melhores équipes da Europa e num terreno que para nós era absolutamentt desfavoravel, devido ao seu estado lamacento e ao pouco peso dos nossos jogadores.

Os checos jogaram na sua habitual toada, sem esforço aparente, mas como dos 15 aos 30 minutos da segunda parte, com um imenso desejo de conseguirem a vitoria.

O guarda-rêres foi o seu melhor elemento. Soberba a defesa da grande penalidade que Waldemar lhe apontou.

Defesas e médios bons.

Avançados fracos, deixando-se desarmar pela vivacidade e explendida atuação da defesa e média defesa portuguesa.

O avançado centro Svoboda foi o pior dos checos. Pouca coisa fez de geito que pudesse, sequer, confirmar a centesima parte da fama de que vinha aureolado.

A arbitragem muito boa.

Ouvindo os outros

Os jornais matutinos já entrevistaram as sumidades maximas, os entendidos na materia, que deram as suas opiniões abalisadas, e que são todos concordes em apreciar o valor da nossa vitoria tão superiormente conquistada.

O povo, a massa anonima que anima, que aplaude, que leva tanta vez uma équipe á certeza da gloria, foi por nós ouvida, opiniões sinceras, facciosas algumas, as daqueles que vêem sómente em campo os homens da sua simpatia e que envergam normalmente a camisola do clube de que eles são «suporters».

Oiçamo-los:

Um belenense

Rapaz amigo, azul até á medula dos ossos, confia-nos pouco mais ou menos nos seguintes termos as suas impressões:

«Carlos Rodrigues formidavel! E aquele goal do Pepe! Se Augusto Silva tivesse jogado! De resto, todos nós jogámos bem.» E a insistir: «Se o Augusto tivessse jogado! O José Luís mostrou que em Belem tambem se joga.»

Um leão

Mora na Estefania. E' socio n.º 123 do Sporting, ama o seu clube com todas as forças da sua alma. Para ele uma vitoria do seu clube é uma sorte grande. Uma derrota: um jantar tristonho e silencioso em que a familia respeita, muda, a sua dôr.

E diz-nos: «O Serra e Moura foi bom, não deixou o avançado centro checo fazer nada. O Carlos Mota jogou muito bem, mas o Martinho fez muita falta.»

Do Jorge Vieira não falou porque é da corrente contraria.

O dr. Abrantes Mendes fez muita falta á ponta direita. Tinha sido outra coisa, com certeza.

Um vermelho autentico

Emblema grande na lapela, alfinete de gravata com o distintivo do clube, anel com igual distintivo, diz entusiasmado:

Aquele Vitor é o melhor jogador do mundo! O Carlos foi bom, mas quando o Anibal lhe dá para acertar!

Olhe eu gostei muito do jogo e não sei se por causa das camisolas, o nosso team até parecia o Benfica nas suas grandes tardes.

E mais não disse o furioso vermelho.

Um casapiano

Empregado bancario, cara sorridente de rapaz que foi, pela casa onde recebeu a sua instrução e educação, apetrechado para a luta pela vida, confia-nos entre dois gôlos de café, a sua profunda admiração pelas colossais defesas de Roquete e amarguradamente acrescenta: «Gustavo, a medio centro tem realizado esplendidas exibições e se ontem tivesse jogado talvez o resultado por nós obtido tivesse sido mais expressivo. Mas de resto, gostei, gostei muito. Ha bastante tempo que não saio dum campo de jogos tão satisfeito.»

Um setubalense

Então o Caramelo? Que bem que ele jogou, olhe que o Jorge não era capaz de fazer melhor. O João dos Santos fez muita falta. Ganhavamos por muito mais com certeza.

Palhinhas tambem era um elemento a aproveitar. Joga muito bem, mas, em todo o caso o desafio foi bom.

Um tripeiro

Waldemar foi o melhor homem em campo, explendido na ligação com os seus companheiros.

Havia lá mais homens a aproveitar mas o seleccionador nortenho não quiz que se dissesse que era bairrista. Fez bem. Ao menos não ha nada a dizer em seu desfavor.

O nosso homem jogou colossalmente.

Um algarvio

Irrequieto, pedindo-nos cigarros feitos constantemente, por não ter coragem nem habilidade momentanea para os extrair da sua onça de francês, a cada jogada de Figueiredo agitava-se nervosamente.

Aquilo é que é jogar! Anda agora Tamanqueiro! E' o melhor «half-back» do país, da Europa, do Universo! E temos lá melhor ainda, não quizeram. Ganhavamos por muitos mais com certeza.

Um barreirense

O Raul ainda é um grande ponta. Onde é que ha melhor que aquilo? Aquele centro da segunda parte! Que bem colocado que ele foi. E ainda ha quem tenha duvidas na sua selecção. E temos lá rapazes muito bons, se os quizessem aproveitar!

Um alcantarense

Carlos Alves foi o melhor homem em campo, jogou toda a équipe muito bem, muitissimo bem.

E mais não disse:

* * *

Todos têm razão, todos têm a sua inclinação, a sua preferencia pelos homens que mais admiram, e se fossemos dar ouvidos a todos eles, teriamos algumas dezenas de jogadores a alinhar por Portugal.

Já dissemos o que pensamos do jogo de ontem, da forma como os portugueses se comportaram no terreno desde o primeiro ao ultimo minuto.

E se durante um quarto de hora, o do meio da segunda parte, a técnica dos checos e a sua sciencia nos foi superior, durante o resto do encontro a superioridade nosssa foi marcante. A nossa rapidez e a facilidade com que as nossas avançadas eram conduzidas, a alma de toda a équipe, transformaram o resultado de ontem numa das maiores corôas de gloria que o foot-ball português tem obtido nos seus jogos internacionais.

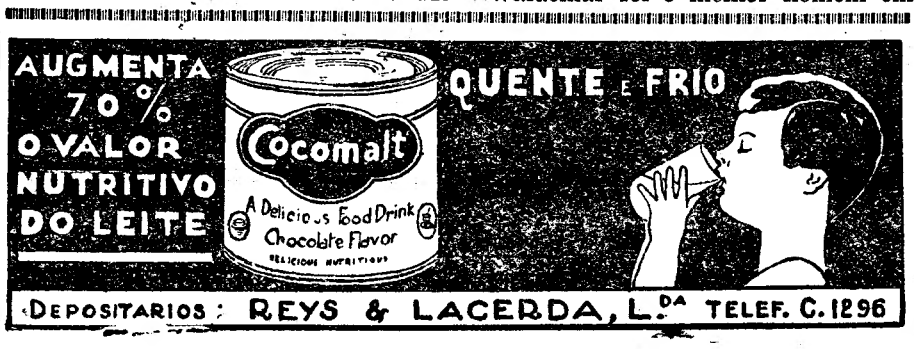
Em nossa casa jogaremos nesta epoca mais dois jogos. Confiamos no nosso rejuvenescimento e fazemos sinceros votos para que a vitoria de ontem seja repetida nos desafios a realizar.

Os checos partiram logo a seguir ao encontro e a Federação não convidou os jornalistas para o jantar intimo oferecido aos jogadores.

Não convidou porque achou que não devia convidar.

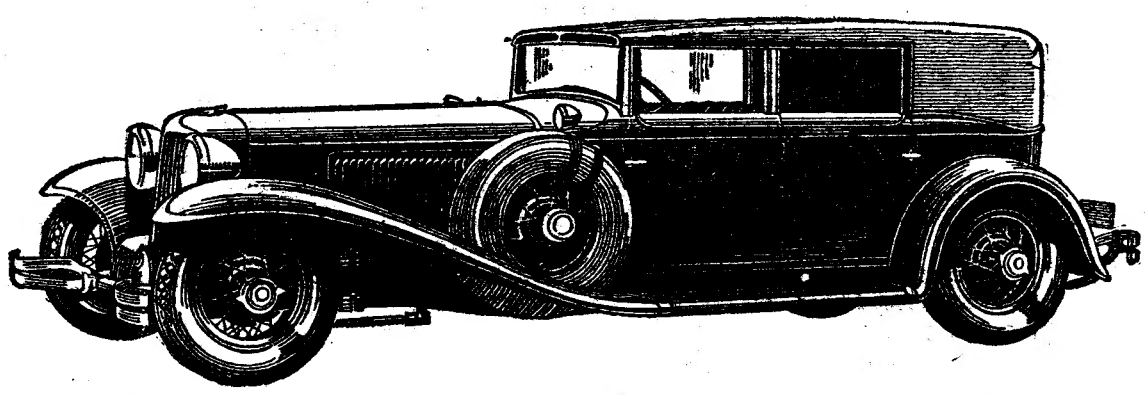
E como a bôda e a baptizado não vás sem ser convidado, não pudemos apresentar á mesa as felicitações que a nossa équipe merece.

Sem talheres na nossa frente daqui lhe endereçamos os nossos cumprimentos.



CORD

PRODUCTO DA AUBURN AUTOMOBILE C.º



Convidamos todos os automobilistas e o publico a visitarem a exposição de automoveis «CORD» com rodas deanteiras motrizes, que, pelas suas inexcediveis qualidades, estão causando o MAIOR SUCESSO EM TODO O MUNDO.

AGENTES PARA O SUL:

A. M. Almeida, L.da

37 -- RUA DA ESCOLA POLITECNICA -- 39

— LISBOA —

EM EXPOSIÇÃO:—1 "CORD", brougham sport, desenhado por Harry Miller.

A CHEGAR:—Varios modelos.

NOVIDADES LITERARIAS

Do livro «Campo Santo» de Henrique de Vilhena

TRANSCREVEM-SE alguns capitulos

Não ha uma arte de escrever. Quem a fixa em regras mecaniza a sensibilidade e o que nela pode haver de emoção fugitiva ou profunda. O que ha, perante a beleza das coisas e a dôr das almas, é sentimento, bondade—e porque não dizê-lo?—caracter.

Henrique de Vilhena é—*uma alma*, grande legenda, composta de poucos caracteres, mas extraordinaria de significado, que ele escreveu no frontespicio da sua obra recem-publicada: *Campo Santo*. Este titulo não é uma revivescencia romantica, mas o diario intimo duma sensibilidade, unica na literatura portuguesa, magnifica pela introspecção animica e pela pureza, pela castidade, pela limpidez de todas as suas imagens, sugestões, e ideias. Divide-se o livro em dois capitulos: *Manhã* e *Dia Pleno*. Neles, em pequenas notas transparentes, alegrias furtivas, sonhos de beleza, noites de angustia, delicada e amorosamente, o dr. Henrique de Vilhena fez reflectir com toda a sinceridade, estados, crises, horas, minutos, desalentos e entusiasmos da sua vida. *Manhã*—é a mocidade de autor. E que bela ela foi! Não houve um vestigio de vaidade, o anceio dum triunfo. Mas sim, estudo, análise do "eu", interpretação dos movimentos colectivos da alma humana: Patria, Religião, Poesia. De permeio, singularidades dum temperamento invulgarmente sensivel e ancioso.

Quintessencia espiritual, que nos ergue e resgata desnudando no horisonte da vida — o mais belo sol de verdade e ficção espiritual, que nossos olhos podem atingir.

Dia Pleno — dá o contraste. Na existencia do autor o coração canta, o coração ama, e, por fim, sofre. Inenarravel sofrimento! Dôr de alma espantosa de angustia, tressuando aflição. A palavra acorda, então, todas as fibras secretas da alma do escritor. Ha trovoadas de colera e infantilidades, tão inocentes e puras, que os olhos se arrazam de lagrimas ao lêr a confissão deste livro sincero, maravilhosamente belo e simples.

O dr. Henrique Vilhena ora paira mais alto, onde ninguem chegou, ora se roja na terra, ferindo-se de tortura e amargura. Interroga-se e interroga Deus. *Campo Santo*, doloroso campo santo, onde está a campa duma criança, berço que o pai,—para que nomea-lo se já o adivinharam?—enche de lagrimas e de flôres votivas, embalando-o de infinita saudade.

Transcrevemos:

III

Volto ao pensamento em Deus. Peço-lhe martirio, gloria,..

Misturo este misticismo com o devaneio amoroso:

«Que Deus leve, na hora de nossa morte,—escrevo, generalizando,—ás nossas bocas as bocas das mulheres amadas, para lhes passarmos, no ultimo beijo, o sacrificio da alma, que fecundará nossos filhos, que o são tambem da Patria!»

Mas torno, mais lidimamente:

«A morte gloriosa é benção de Deus!»

Ainda, a seguir, a impressão da caínheza da vida humana e o sentimento pessimista da vil criação de Deus, que é o homem. Censuro então a Deus e acuso-o de indiferença pela Humanidade.

Contudo, sem demora, um voto fervoroso de crença em Deus—que olho em esperança, criador e alimentador de todos os anseios, fautor de todas as realizações, e que vejo na Patria e na Humanidade.

IV

«Quando o coração da Patria estremece no peito de seus filhos, levantam-se os herois, o olhar fito no esplendor da sua fé. Depois, o sorriso nos lábios, a vida no gume das espadas, irão erguer a Patria até o pedestal formidando em que possa assombrar o mundo!»

Não há duvida: o sentimento, o entusiasmo patriotico estão em delirio de grandezas.

Seguem, jorrando por aí fora.

E' a evocação dos antigos herois portugueses, em periodos em que aparecem:—«coluna santa»— «lausperene»—«livros e gládios valorosos» —«as tumbas»—o «fulgor da esperança»!

E' a recordação de Camões e da sua alma:

«Ele assentou-a, maravilhosa, nas paginas do seu livro, que nos dá agora, em cada pagina, a alma da Patria e de Deus!»

«Pedestal formidando»— «eternidade»—«assombro»!—entre hipérboles tais tumultua o meu pensamento!

Clamo absurdamente:—«que a Patria morra embora, mas que chegue outra vez ao-pé do sol!»

X

Aqui venho pedir o reconfôrto das horas de calma e solidão. Aqui, tantas vezes, recordando o passado, analisando o presente, dispondo-me para o futuro, procurei aliás sossego, soledade, consôlo.

Oh! agora é como nunca fôra e como não mais poderá ser: a dôr e a desolação! Oh! agora é como nunca foi e tambem nunca pudera ter sido! Sem ti, o maior Sonho, a obra melhor e mais bela!

Os montes lá ao longe em que repousavam os meus olhos e, assim, o coração e o espirito se me acalmavam, hoje, no dia pardacento, consolam-me com a sua benção, como se a sentisse, que vem na atmosfera pesada e quente.

Aqui tambem tantas vezes vinha a Filha adorada! Este ambiente tem a irradiação do seu espirito de gentileza; ele aqui continua vivendo e, agora, envolve-me, toma-me.

Parece-me estar a ver-te, minha Filha, ali, junto daquela arvore, brincando ainda pequenita, pelos três e quatro anos. E depois, acolá, pelos sete, indo ver curiosa uma flor e interrogando-me com o olhar, no receio e desejo de a colher. E, mais tarde sentada neste banco, a meu lado, os dois falando, na intimidade, todavia tu com calor e discreção, assim ao mesmo tempo tão proprios da tua alma!

Perdida a mais pura das felicidades!

As manhãs, minha Filha, vendo as tuas coisas cartas, pequenos escritos, o que te pertenceu emfim, choro e digo para mim mesmo: —louco, louco, ainda tens possibilidade de continuar! Um espirito bom, de pai, não é assim, não faz isto! Esse espirito bom, são e generoso sai tambem de onde Ela saiu!

Outros laços me prendem, aqueles criados pelos seres que tu tambem amaste. Perdoa, perdoa, tenho de estar, por eles!

Olha: vem o sol a querer desfazer o acinzentado do céu, a romper, a dispersar... Vem o sol...

Minha Filha, minha Filha, o meu espirito está ainda cheio de confusão. Procuro, procuro-me e encontro retalhos dispersos da minha pobre alma. Esta velha pecha de escrever tenta salvar-me, numa ilusão, e eu, sabendo-o, deixo-me ir contudo nesta ilusão.

Os montes, ao longe, me sossegam. Efeito do habito em que sobretudo tu estás, minha Filha, porque bem presente aqui te vejo, o espirito destas coisas, de todo este espaço estava em ti, e o teu aqui ficou, em tudo, perfeitamente.

Que a minha pobre alma ajoelhe. E's tu que estás aqui, és tu, filhinha, eu bem o vejo!

O meu espirito está ainda cheio de confusão.

Minha Filha, dá-me serenidade e perdoa-me dela, perdoa-me que eu te a peça. Sem o teu consentimento, sem que tu mesma me a dês, ela será vergonha para a minha alma.

Dá-me pois serenidade, Filha boa e santa, dá-me serenidade!

XV

Palavras intimas deixaste escritas que só agora conheço e me fazem entrar, algumas, em conturbação indizivel.

Pois tu pudeste crer, Filha adorada, de mim para Ti, alguma vez, em sentimento menos suave, em gesto que de duro não tivesse apenas senão a levissima e bem enganadora aparencia?! Como podia ser isto de mim para Ti, alguma vez, de mim para Ti, sendo tu o meu constante e mais alto pensamento, o meu orgulho, o meu unico triunfo?! Pois não sentias logo, em mim por Ti, um sentimento de comovida admiração e, no gesto, mesmo porventura vislumbrando menor suavidade, a ternura infinita do meu coração por Ti?!

A' minha amargura o travo de outra especial amargura se acrescenta. Tivesse-o eu adivinhado, previsto! Oh! como te diria, te explicaria o teu engano, a tua ilusão penosa! Hoje resta-me transportar a minha alma para ao-pé da tua, onde a tua alma me sinta, onde me veja, e dizer-te:—Filha, filha santa, adorada filha, não tive maior sentimento que o da tua vida, o do teu pensamento, o da tua alma...; assim, pois, não creias senão em que os meus gestos que te pareceram duros, o meu silencio que dizias de gêlo—(para Ti!)—eram só a expressão medrosa, indecisa, ou imóvel, parada, perturbada, timida—(por Ti, por Ti!)—da ternura mais intensa, da afeição mais nobre, do sentimento mais elevado, do pensamento sempre residente de orgulho,—por Ti, por Ti!

XVI

Mas hoje tambem—dia de chuva, de penumbra,—li palavras tuas de satisfação e, para teu pai, de justiça, e enorme comoção me fez logo chorar, cair com a cabeça sôbre os meus braços cruzados, nesta mesa, que dantes era de trabalho e alegria, e hoje é de dôr,—e ainda chorar, chorar, soluçar, gemer!

Cada dia que passa acede saudade e dôr a esta saudade, a esta agonia. E' possivel, era possivel?! A êste sentimento da tua falta, da tua perda, de que já não és, já não vives, e tudo por aí vive, está, raros merecendo-o como tu,—se a vida é um valor,—como tu, tão digna de viver, tão apta a dispensar beneficios e contentamentos, o bem e a beleza!

Tudo recai sôbre mim, sôbre a minha alma. Não tenho lenitivos, não há consolação. A resignação? Mas ela é, para mim, uma palavra isolada, sem vocativo. Resignar-me—em relação a quê, em presença de quê, de quem?

Eu não posso dizer, como tantos e tantos:—resigno-me, oh meu Deus! por Ti, que me trazes este infortunio, que me o trazes pela tua suprema vontade e inteligencia, e pela tua divina graça, para meu maior bem!

Eu não posso dizer isto, eu não sinto, eu não tenho Deus.

Tudo cai sôbre esta pobre alma, em amargura e desalento que esmagam e são imponderaveis, não têm definição nem expresão, nem referencias, não se medem, não se escalonam: dôr no vazio, angustia sem amparos.

Porque, em verdade,—isto é verdade,—eu não tenho Deus. Vivo sem um apoio para além do que o restrito pensamento humano me pode dar; vivo com os humanos, ao lado e em frente deles, olhando-os, nesta coisa tão pequena, tão estreita em que vivemos! Hoje é que reparo bem nisto. Parecia que a tua presença minha Filha, me fazia olhar para o alto, por cima das suas cabeças. Hoje encontro logo a sua pupila, inerte e fria.

... Esta viagem de naufrágio, com a certeza de sem porto...

XIX

Então nunca mais, nunca mais, verdadeiramente?! Ela assim desapareceu, se separou, foi separada, de todo e para sempre, da minha companhia, da minha ternura e caricias, do meu afecto e admiração por ela, da minha contemplação da sua vida gentil e tão nobre?! Ela assim foi separada, verdadeiramente?!

Isto me pergunto, a alma absurda, e encontro-me sempre, naturalmente, com a crudelissima verdade.—Nunca mais, nunca mais!

Vem, alma gentil, dá-me animo, dá-me coragem. Vem, alma gentil!

Será o momento de poder sentir e dizer—como ainda o não pude?:

Curvo a cabeça, que tu a abençoes! e assim, não propriamente resignado, mas vencido e compenetrado de que em vida a tua separação, a da tua presença, de mim e dêste mundo, é certa e eterna, que eu te faça viver na memoria de todos!

Dá-me convicção—santa Filha! Dá-me convicção, renova-me a convicção do Bem, da Beleza, da Justiça, do Amor!

Curvo a cabeça, ajoelho como se presente estivesses—perante a tua alma, a tua lembrança, a tua memória—e, estendendo as mãos em prece, digo, digo-te:

Sim, vou trabalhar, continuar, agora sobretudo por ti, minha inspiração, meu alento! Que o sejas, inspiração e alento da alma e da vida, que o sejas, que o sejas!

Vou trabalhar, continuar, levando sempre, na minha alma, a tua recordação, o teu génio de elevação, de bondade, de inteligencia, de calma, de reflexão. Vou trabalhar, continuar...

Lagrimas?

Sim, quantas e quantas, a sós, tenho chorado e irei chorando!

Soluços?

Sim, quantos e quantos gemerei e reprimirei a sós!

Veem eles a um sinal, lagrimas e soluços, a uma lembrança de ti, veem, veem, o rosto se me transtorna todo, e, depois, uma calma soturna, a sós.

Mas o mundo não verá isto. Por ti e para ti são só e por ti agora será, naturalmente, o meu esforço, a acção, o bem que possa fazer, a justiça que possa dispensar, a verdade que possa descobrir, a beleza que possa criar.

Tudo isto vou cumprir e, todavia, no fundo, o impeto, o desejo,—ainda, ainda!—de desaparecer ou de me anular, aqui, seguindo já o teu proprio destino, acompanhando-te no não-ser ou no eterno-ser...

Sim, vou trabalhar, continuar, no caminho do Bem, do Belo...

Tudo será por ti, minha Filha. Quando vires o riso nos meus lábios, bem podes dizer:—o meu pobre pai faz nascer em si, da sua dôr, o riso... Quando vires o acto bom, meu, por exemplo, uma obra que produza, logo podes dizer:—o meu pobre pai tem a coragem, a convicção, que lhe inspirei, de fazer nascer de sua dôr, de sua desolação, da angustia que nele deixei por minha morte,—tem a coragem, a convicção de fazer nascer—flores, flores, flores, flores, flores!

Daqui, de longe, de perto,—dirás ainda,—as aspiro, e o mundo, lá, as aspira, e os dois nos regosijamos. Pobre meu pai, meu pobre pai, como tu recebeste bem o meu sôpro, o meu alento, a minha inspiração, e como a minha vontade se faz sempre a tua propria vontade!

E quando tu vires, minha Filha, que o meu pensamento vai para ti,—vai a cada momento! —bem podes dizer:—o meu pobre pai, apesar de tudo, da sua alma tão ocupada, tão cheia, tão obnubilada, tão atribulada, nunca se separa em pensamento de mim, desta sua filhã que dêle teve de se separar, e assim, coitado, pobre meu pai! me quere ter como se juntos estivessemos sempre, e me quere perpetuar em espirito, em alma, pelo tempo em que o seu proprio espirito e a sua alma se perpetuem, e do mesmo modo!

Sim, minha santa Filha, vou trabalhar, continuar, como tu dizes—sim, és tu que o dizes! —pelo Bem, as nossas almas ligadas para sempre, uma alma só, meu alento, inspiração, dôr, alegria, amor, angustia, contentamento, desolação, o proprio espirito do Bem! Sim, sempre e para sempre!

Curvo a cabeça. Oh! vamos, tu junto de mim, sempre e para sempre, pelo Bem!

CONSTRUÇÕES CIVIS A ACTIVA Avenida 24 de Julho, 8 Tel. T. 1601

GIMNASIO
HOJE—A's 9 1/2
Companhia LUCILIA-ERICO
Única representação da peça em 4 actos
A primeira noite
Quarta-feira, 15: 1.ª representação
EU E ELA

A Cidade

Café Chiado
O que tem melhor café
O melhor ponto de reunião
Boa musica

Chá das cinco

Eu que o diga...

O sr. Henri Ford, depois de ter democratisado e generalisado o automovel, adaptando-o a todas as bolsas e a todas as estradas, vai agora fazer o mesmo com o avião, tornando-o economico e facil de conduzir. Na America acontece terem já o "seu„ avião modestos funcionarios que o guardam em "hangares„ domesticos e alegram os domingos com incipientes vôos que Lindberg aprovaria.

A alguns europeus parecerá absurdo o proposito do sr. Ford, mas a esses devo eu recordar que tambem aos seus avós pareceu absurda a construção de certos caminhos de ferro em que os veiculos vão arrastados por uma maquina de vapor. "Onde encontrar o ferro necessario para construir os carris necessarios em largas distancias?—preguntou Thiers. "Os viajantes correrão o perigo de morrerem asfixiados pelo fumo da maquina e por falta de ar, e a passagem por tuneis causará catarros e pleuresias„—disse-se na Camara francesa. E surgiu o receio de se arruinarem as empresas de diligencias e transportes; de não se vender a palha e a cevada, pela inutilidade dos cavalos, arruinando-se tambem os lavradores. Além de que acabaram as viagens de recreio, por se não poder, com tal velocidade, contemplar as paisagens.

E quando apareceram aqueles estranhos barcos que começaram andando sem velas e fazendo dez milhas por hora, com duas grandes rôdas e uma chaminé que parecia um canhão e lançava nuvens de fumo....

E o triciclo, e a bicicleta, e o proprio automovel....

Poder-se-ha opôr que estes diabólicos inventos se mantiveram fieis á superficie da terra e do mar, ao passo que o avião ousou lançar-se no espaço incerto, onde para o desastre não ha o recurso de rastejar ou nadar.

Mas a isto posso eu responder que os desastres do ar não têm a importancia que se lhes empresta. Eu que o diga, que já voei de Lisboa a Madrid sem trem de aterragem, e que sem ele aterrei. E cá estou, vivo, graças a Deus!

ROGERIO PEREZ

York bar — o mais elegante — R. Serpa Pinto — ao Chiado —

BOLSA DE LISBOA

13 de Janeiro
CONTADO

VALORES	Efectuado	Comprad.	Vendedor
P. Int. 6 ½ 0/0 1923 O.	894$00	893$50	—
P. Ext. 3 0/0 1.ª série...	924$00	923$00	927$00
P. Ext. 3 0/0 2.ª série...	922$00	920$00	924$00
P. Ext. 3 0/0 3.ª série....	1.015$00	—	1.015$00
Banco Com. de Lisboa.	515$00	510$00	—
Banco Lisboa & Açôres	503$00	—	—
Banco de Portugal.....	1.005$00	1.001$00	1.004$00
C.ª C. P. de Benguela	1.545$00	—	1.550$00
C. C. P. N. L. 3 0/0 2.ª g.	74$00	73$00	75$00
C.ª das Aguas de Lisboa	—	315$00	350$00
C.ª Gaz e Eletric., cou.	270$00	270$00	271$00
Soc. Industrial Aliança	185$00	184$00	—
C.ª Portugal e Colonias	109$50	109$00	—
C.ª Nac. da Navegação	278$00	—	278$00
C.ª Tabacos de Portug.	—	565$00	—
C.ª Portug. de Tabacos	—	—	—
The Match Tobacco T. S. C.ª	90$00	90$00	91$00
C.ª Amboim.....	125$00	124$50	125$50
C.ª Col. Buzi 1.ª emissão	73$00	72$50	—
C.ª Col. Buzi 2.ª emissão	—	69$00	71$00
C.ª de Seguros Sagres...	—	1.100$00	1.300$00
C.ª Ilha do Principe . .	—	—	—

Bebam:
Vidago (1 e 2), Pedras Salgadas, Melgaço e Sabroso.
Pedidos a
Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas
Porto—Rua da Cancela Velha, 29—Telef. 319
Lisboa—Avenida da Liberdade, 132—Telef. I. 4296
ENTREGAS IMEDIATAS

PROTECÇÃO A BANDEIRA

E' PRECISO ACUDIR

QUANTO ANTES

á nossa marinha mercante

que atravessa uma grave crise

A nossa Marinha Mercante—não nos cansaremos de o repetir—corre um perigo iminente, que só poderá ser afastado pelo esforço de todos os que em Portugal sabem que sem marinha de comercio o nosso ressurgimento economico não passará dum mito. Abandonada durante muitos anos aos caprichos do acaso, assim permaneceu, insignificante e sem condições para se desempenhar da missão, que lhe estava adstrita como instrumento economico e politico dum país maritimo, que é ao mesmo tempo uma grande potencia colonial.

E hoje, precisamente quando todos os países fomentam e promovem o desenvolvimento das suas marinhas de comercio, em Portugal o que se procura,,—mercê dum criterio erradissimo e nocivo, é revogar os poucos diplomas proteccionistas que existem, sem vêr que, no dia em que tal se fizer teremos provocado o maior de todos os desastres para a nossa economia e para a nossa politica colonial.

O sr. José dos Santos, presidente da Associação dos Oficiais da Marinha Mercante, e portanto, uma autoridade segura no assunto, quiz ter hoje a amabilidade de depôr para o «Diario de Lisboa» sôbre este problema que reputamos fundamental.

Absolutamente concorde com o ponto de vista patriotico que aqui temos defendido, nestes termos se manifestou, historiando, o ilustre marinheiro:

—Estadistas inteligentes e dedicados ao ressurgimento das forças economicas da Nação conceberam e lançaram um dia as bases duma eficiente politica maritima promulgando o Decreto n.º 7822 e a seguir o n.º 8383. Estes diplomas começaram sendo desde o primeiro dia da sua vigencia a mais segura garantia do desenvolvimento da nossa marinha de comercio. Entrando-se pouco depois na liquidação dos T. M. E., eles foram o estimulo á formação de algumas companhias portuguesas de navegação que, arrematando aqueles navios, evitaram que a nossa frota, aumentada consideravelmente em consequencia da guerra, ficasse reduzida a menos de 50 0/0, pela venda dos mesmos a estrangeiros.

«Tendo criado um diferencial nos direitos alfandegarios a favor das mercadorias importadas e exportadas em navios portugueses e assegurando ás nossas companhias de navegação favores de varia ordem em relação a serviços por elas requeridos ao Estado, constituiram os aludidos decretos uma solida garantia á vitalidade e ao progresso do armamento nacional. E é assim que assistimos ao estabelecimento de carreiras nacionais regulares para portos do norte da Europa (Carregadores Açoreanos e Companhia Colonial) o que até á sua promulgação não tinha sido possivel fazer por falta de condições de concorrencia. As nossas carreiras de Africa sentem tambem fortemente a influencia benefica daquela legislação, que lhes assegura os carregamentos para as nossas colonias á sombra do favôr pautal de 20 0/0 na carga em regime de reexportação. E assim com segurança, nós temos conseguido pouco a pouco, com o desenvolvimento da nossa marinha mercante, a nacionalização duma grande parte do nosso trafego maritimo.

E aludindo ás constantes reclamações da navegação estrangeira, que não podia vêr com bons olhos, como era natural, que o seu volume de fretes diminuisse enquanto o nosso aumentava dia a dia:

—Vai-se sempre pedindo mais até completa ruina do nosso armamento. Dando-se satisfação aos reclamantes publicaram-se os decretos n.º 14646 e 14647 reduzindo o diferencial com a redução dos impostos de marinha mercante e do comercio maritimo. E tudo isto ainda não chega. Quere-se muito mais: quere-se o aniquilamento da nossa marinha de comercio.

—Não pode nem deve ser.

—E não. Neste momento em que todos os países do mundo se empenham esforçadamente por desenvolver cada vez mais as suas marinhas mercantes; agora precisamente que esta marinha é o instrumento economico e politico em que todos os países têm os olhos postos e no qual põem todas as suas esperanças para a luta de concorrencia e para a conquista duma posição de primazia nos mercados do mundo, nós não podemos nem devemos de qualquer forma, para interesses doutrem, protrair o desenvolvimento da nossa. A Alemanha, com uma visão politica excepcional, tendo ficado sem uma unidade mercante durante a Guerra, a doze anos do armisticio, tem absolutamente conquistada a sua antiga posição de grande potencia maritima. A sua frota, sendo das mais modernas, reune já para cima de 4.000.000 de toneladas. O pensamento dos seus homens publicos ácêrca deste assunto foi sintetisado pelo seu grande estadista Stresemann por esta forma referindo-se á Inglaterra:—«Toda a sua força lhes vem de não verem o mar. A sua grande frota toma-lhes o horisonte».

«A França e a Italia têm feito prodigiosos esforços nestes ultimos anos para aumentarem as suas marinhas de comercio em mais de um milhão de toneladas, criando-lhes ao mesmo tempo condições de concorrencia com base em subvenções, subsidios, premios de construção naval e criando o Credito maritimo a juro reduzido, este ultimo constantemente sofrendo aperfeiçoamentos para maior e mais rápida eficiencia. O primeiro destes países ainda ha pouco tempo criou o Ministerio da Marinha Mercante, tal é o incremento que está tomando.

«Não ha ainda muitos dias que o ministro da Marinha de Espanha afirmou num discurso, que o Govêrno tinha tomado todas as medidas para assegurar á sua marinha mercante um aumento anual de 50.000 toneladas até atingir a tonelagem considerada suficiente para satisfazer as necessidades do comercio maritimo do seu país.

— E nós?

— Quanto a nós, foi precisamente á sombra da protecção que procuram tirar-nos que a nossa marinha tem conquistado á navegação estrangeira o transporte duma parte importante da nossa importação e exportação. Sem ela não teriamos conseguido reduzir em alguns milhões de libras a soma por nós paga por fretes e passagens naquela navegação; soma que apesar de assim reduzida ainda está em oito milhões!

«E' por haver esta protecção indispensavel que a Companhia Colonial de Navegação conseguiu transportar do norte da Europa para o continente e colonias e vice-versa 80.000 toneladas de carga em 1926; 73.000 em 1927; 104.000 em 1928 e cêrca de 120.000 em 1929. Da mesma fórma que os Carregadores Açoreanos movimentaram nos seus navios: 59.000 em 1928 e 64.000 em 1929. Assim 39.351 toneladas em 1926; 46.960 em 1927; apoiada, a primeira destas companhias acaba de estabelecer uma nova carreira para a Africa Oriental Portuguesa com três belas unidades adquiridas recentemente, e a Companhia Nacional da mesma maneira tambem iniciou ainda em Dezembro ultimo as carreiras para o Brasil que, sem protecção, serão absolutamente insustentaveis.

E rematou:

—Estes resultados não deixam duvidas ácêrca da necessidade de se manter e até mesmo ampliar a politica maritima lançada com a promulgção dos decretos 7.822 e 8.383.

No SÃO LUIZ
PECADOS DOS PAIS
criação de **Emil Jannings**

Pelos teatros

"Eu e ela"

Veste galas o Teatro do Gimnasio depois de amanhã. Pela primeira vez em Portugal é representada a comedia de Berr e Verneuil «Ma soeur et moi» que o espirito do nosso camarada Alvaro de Andrade traduziu para português com o titulo de «Eu e Ela». Esteve esta comedia cerca de duas epocas no Teatro de l'Athenée, de Paris. Foram seus interpretes principais Soria, Rozemberg, Arnaudy, Marcelle Monthil e Pierre Stephen. E entre nós Lucilia Simões, Samwell Diniz, Joaquim Almada, Brunilde Judice e Erico Braga, farão os mesmos papeis respectivamente.

A proposito ainda de «Ma soeur et moi» diremos o que afirmou o critico Paul Reboux, no «Pari-soir»:

«Trata-se de uma comedia amorosa, onde a par de scenas de grande comicidade se desenvolve uma acção sentimental, sempre amavel, sempre sorridente. Não ha espectador que não leve uma impressão de suave bem estar, de satisfação, de suave encantamento, Deliciosa e engraçada comedia.»

"O Grande Amor"

Logo que termine no Teatro Apolo a actuação da «Revuette Jazzz Norte-Americana», a troupe branca e negra, subirá á scena neste teatro, pela Companhia Adelina-Aura Abranches a celebre peça de Dario Nicodemi, «O Grande Amôr», tradução de Alberto Morais e Mario Duarte, peça que ha sete anos fez um formidavel exito no Teatro Politeama. Na interpretação de «O Grande Amôr», além de Aura e Adelina Abranches nas suas notaveis criações, entram ainda Luz Veloso, Sacramento, Carlos Santos, Alvaro de Almeida, Penha Coutinho e Luis Filipe.

Rosa Mateus

Na revista «Zé Povinho» que triunfa no Teatro Variedades ha um nome a assinalar: Rosa Mateus. Ensaiador experimentado na revista e na opereta, acaba de patentear que se não repete, que se não fixa em modelos que o publico consagrou. O seu espirito evolue sempre e, dai, a realização moderna que o «Zé Povinho» acusa. Rosa Mateus apresenta em varios bailados, entre eles o do «Charleston», Margarida d'Almeida e Charles em traços que primam pela originalidade.

"A Aranha"

Para a realização do espectaculo «A Aranha», representado na America do Norte com o titulo «The Spyder», o Politeama vai ser tranformado num grande e colossal «Music-Hall», para cujos programas o empresario Luis Pereira acaba de fechar contractos com varios e importantes artistas de Variedades, entre os quais figura o celebre ilusionista «Chartrin», unico no seu genero e que se faz acompanhar do seu «médium» «Alex».

Atrás do reposteiro

Pela terceira vez representa-se hoje no Teatro Nacional, a peça «A Boneca e os Fantoches de Ramada Curto, brilhantemente interpretada pela Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro.

—A actriz Beatriz Costa que havia firmado um contracto de sete contos brasileiros, por mês, com o actor-empresario Procopio Ferreira, para ficar na sua Companhia, acaba de telegrafar ao empresario José Loureiro comunicando ter rescindindo o referido contracto, embarcando no dia 19, no «Eubé», para Lisboa.

—No Teatro Apolo exibem-se hoje, em «Fim de Festa», novamente, depois da comedia «Maré de Sorte», os artistas da «troupe» de negros e brancos «Revuette Jazz Norte-Americana».

—Representa-se hoje no Teatro do Gimnasio, pela ultima vez, a celebre peça «A Primeira Noite», o grande exito de teatro declamado desta temporada. Amanhã não ha espectaculo, para se proceder ao ensaio geral da comedia «Eu e Ela».

—Está doente a actriz Filomena Casado, do elenco da Companhia Hortense Luz, do Teatro da Trindade, motivo porque não toma parte, por enquanto, na revista «Feira da Luz».

—Os espectaculos com a comedia «O Ultimo Lord» só terminam no Teatro Politeama, no proximo domingo, em virtude do sucesso que esta peça está obtendo.

—Prossegue no Teatro Avenida a carreira brilhante da revista portuguesa «Tremoço Saloio», obra admiravel posta em scena pelos artistas Luísa Satanela e Estevão Amirante e que hoje se repete m duas sessões.

—No Teatro S. João, do Porto, onde está trabalhando a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, continua em scena, com grande exito, a peça «O Pão, o Lar e a Terra», de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

—Estreiam-se hoje no espectaculo da moda no Coliseu os «jongleurs» equilibristas em arame Irmãos Revelhos e Miss Mitzi com a sua colecção de cães amestrados.

— O bailarino Charles tem no bailado «A morte de Charleston», da revista o «Zé Povinho», em scena no Teatro Variedades, um grande trabalho de efeito.

CONDES
O PREÇO DO AMOR

A Cidade

TIVOLI
PECADO
com Lars Hanson, Elissa Landi e Gina Manés

A' caça duma herança

Desvenda-se

o misterio
que envolvia
a morte
da bailarina Gaby Deslys

Desvendou-se o misterio de Gaby Deslys. A familia hungara que pretendia invocar os seus direitos á herança da famosa bailarina, pretextando uma semelhança fantastica entre a falecida e uma artista hungara de nome Edwige Navrabil, acaba de ser desmascarada pela propria vedeta que pretendia fazer passar como "sosia„ de Gaby Deslys.

Edwige Navratil vive e declarou que nunca dançou com o nome de Gaby Deslys. Não ha, portanto, possibilidade de estabelecer a confusão entre esses dois nomes.

Entrevistada pelo enviado especial de "Le Journal„, Edwige Navratil, que vive ignorada e retirada da scena, numa casinha de Biarritz, afirmou que nunca tinha pretendido fazer-se passar pela bailarina francesa, e que telegrafara a seu pai para que cessasse imediatamente a acção judicial que pusera em Marselha.

O jornalista que a entrevistou confessa a extraordinaria semelhança de Edwige Navratil com Gaby Deslys. Um pouco mais velha, claro, visto que Gaby morreu ha nove anos e Edwige Navratil tem hoje precisamente 46 anos de idade.

A insistencia de seus pais em fazê-la passar pela celebre bailarina francesa, explica-se um pouco, pela espantosa semelhança que ha quinze anos, quando era mais nova e menos pesada, Edwige Navratil tinha com Gaby Deslys. Ela propria o confessa.

Encontraram-se algumas vezes. Riram juntas. Edwige, por conveniencias de familia, dançou com varios nomes. Mas com o de Gaby Deslys nunca.

Os pais, que durante muitos anos ignoraram o seu paradeiro, supozeram que sua filha tinha morrido com o nome de Gaby Deslys e legára toda a sua fortuna á cidade de Marselha.

Sabem agora que sua filha vive—e Marselha continuará na posse do legado Gaby Deslys.

DE LUTO

Dr. João A. de Carvalho Braga

Na Povoa de Varzim, faleceu o conselheiro dr João Alfredo de Carvalho Braga, Juiz do Supremo Tribunal de Justiça, pai dos nossos amigos João Raio de Carvalho e Alvaro de Carvalho, funcionarios superiores, respectivamente, do Ministerio do Interior e do Banco do Minho, e sogro do major de artelharia Alberto Felix da Cesta.

A' familia enlutada os nossos pesames.

Menino João L. M. Ciriaco da Cunha

Faleceu hoje o menino João Luis de Mendonça Ciriaco da Cunha, filho do sr. Raul Ciriaco da Cunha e da sr.ª D. Gertrudes de Mendonça Cunha. O funeral realiza-se amanhã, ás 15 e 30, saindo do hospital de S. José.

Americo Alves Loreto

Na Amadora, faleceu hoje o sr. Americo Loreto, empregado superior da Companhia Nacional dos Produtos Coloniais, e um dos mais antigos socios do Gimnasio Club Português.

O funeral realiza-se amanhã, pelas 11 horas da casa da sua residencia para o cemiterio da localidade.

«Carta de Portugal»

Da direcção geral do Instituto Geografico e Cadastral recebemos duas folhas da «Carta de Portugal», a cinco côres, que é um esplendido trabalho de factura e impresão. Agradecemos a amabilidade da oferta.

UM CASO LAMENTAVEL

A VIUVA

do escritor espanhol

D. José Tapia

contou hoje ao "DIARIO DE LISBOA"

a tragedia de seu marido

Ha cinco anos, passou por Lisboa um escritor e jornalista espanhol ainda novo que ia levar ás terras de álem-mar onde se falam o castelhano e o português o fogo do seu entusiasmo nacionalista, em conferencias em artigos, em estrofes.

O «Diario de Lisboa» registou, numa entrevista, os seus sonhos, os seus desejos, as suas aspirações.

Esse rapaz—José Tapia,—nascido em Almeria, a risonha cidade andaluza, casára com uma simpatica e distinta senhora galega: D. Maria Luisa Tapia.

A sua lua de mel foi consumida nessas viagens de perseverante labor patriotico.

—Em Buenos Aires, no Rio de Janeiro, em Santiago do Chile, nò Mexico, na Havana, como em Londres,—disse-nos hoje D. Maria Luisa Tapia no salão do Hotel Universo—o meu pobre marido cantou a beleza e a grandeza da Espanha, com um ardôr patriotico que ressalta de todos os seus livros.

Porque José Tapia, álem de jornalista—os jornais da America do Sul e alguns de Espanha publicaram muita colabóração sua,—e de conferencista, era um escritor e um poeta de grande valôr. Os seus livros «Cuentos Infantiles», «La Epopeya del Plus Ultra» e «Mi Carmen», entre outros, atestam que ali estava uma alma inspirada e um talento invulgar.

—Em Buenos Aires—continua a viuva do infeliz literato—sofri um acidente automobilistico que me pôs em perigo de vida. Meu marido não quiz que eu fosse para um hospital. Meteu-me num sanatorio, onde estive alguns meses.

E isso absorveu grande parte do dinheiro que ele conseguira ganhar nesses anos de trabalho intenso. Voltamos a Espanha, e fômos visitar a familia dele que vive num «pueblo» perto de Almeria. Mas, como ali fizesse muito frio, meu marido—que conhecia muito bem Portugal—quiz, por causa da minha saude, vir passar algum tempo ao Estoril. Ali estivemos até que tivemos a maldita ideia de mudar a nossa residencia para Lisboa. Aqui, hospedámo-nos num hotel, e, como o meu marido não tivesse podido, de momento, arranjar o dinheiro necessario para pagar a conta—1.500 escudos—o gerente—que, felizmente, não é português—ameaçou-o com a prisão, e chamou um agente que lhe tirou o passaporte. Meu marido foi, com o agente, procurar um dentista e um comerciante, ambos espanhois, a fim de lhes pedir que garantissem o pagamento da divida evitando, assim, a sua prisão. Tudo foi inutil. Regressando ao hotel, meu marido, transtornado acercou-se de mim e disse-me que iamos ser presos. Não acreditei. Mas, á porta, já dentro do quarto, o gerente dava ao funcionario policial ordem para nos levar—ordem que, segundo as informações que tenho, é contra tudo o que a lei dispõe, em tais casos. Meu marido, ao ouvi-la, levantou-se e, voltando as costas ingeriu parte do conteudo dum pequeno frasco que tinha na algibeira e caiu sôbre a cama. Gritei. Acudiu gente. Fomos para o hospital. já não havia remedio...

—E agora?

—O sr. Consul de Espanha encarregou-se do enterro que talvez se realise amanhã. E eu para aqui fico, sem o meu marido—e sem uma peseta... Ainda quem me tem valido é o sr. dr. Julio Dantas.

* * *

O «Diario de Lisboa» secunda o apelo, feito pelo nosso presado colega «Diario de Noticias», para que as entidades oficiais como a colonia espanhola—que tantos e tão generosos gestos tem tido—prestem á infeliz senhora o auxilio de que necessita, a fim de que possa dirigir-se a Almeria.

Trata-se dum acto que nobilitará quem o praticar, tanto mais que D. Maria Luisa Tapia, devido ao desastre automobilistico que sofreu, nem sequer póde trabalhar.

A venda de bilhetes
ás portas dos teatros

Da Associação de Classe dos Vendedores de Bilhetes de espectaculos publicos e lotarias de Lisboa, recebemos uma carta, em resposta ao «eco que aqui publicámos sôbre os abusos que se cometiam com a venda de bilhetes á porta dos teatros.

A mesma Associação atribui esses abusos a pessoas estranhas á classe dos contractadores e acrescenta que já mais duma vez tem pedido a intervenção da Policia para os reprimir, tanto mais que se trata de individuos que não têm licença nem pagam imposto, o que não quere dizer que deixem de nos levar couro e cabelo.

Dactilografo

Precisa-se bastante desembaraçadò para seguir viagem ao Brazil a bordo do vapor «NYASSA», a sair no proximo dia 15 do corrente, dando boas referencias.

As provas serão prestadas nos escritorios da Companhia Nacional de Navegação, Rua do Comercio, 85, Lisboa.

Uma conferencia
sôbre a situação de Angola

O sr. tenente Henrique Galvão, antigo Governador do distrito da Huila, realiza hoje, pelas 21 e 30, na Sociedade de Geografia, uma conferencia acêrca da «Nacionalização de Angola».

Os que se interessem por esta colonia, agora em foco, devem assistir á sessão, podendo os socios fazer-se acompanhar por senhoras de familia.

UMA FESTA DE HOMENAGEM
á reitora do Liceu do Carmo

No Liceu de Maria Amalia Vaz de Carvalho, realizou-se hoje uma festa de homenagem á ilustre reitora, a sr.ª D. Maria Baptista dos Santos Guardiola, por motivo do seu aniversario natalicio. Na sala da Biblioteca, e na presença de todas as porfessoras, a vice-reitora sr.ª D. Maria José Quintas, cumprimentou, em seu nome e no das suas colegas, a notavel educadora que hoje dirige o nosso primeiro estabelecimento de ensino feminino. Discursou igualmente a sr.ª dr. D. Domitila de Carvalho, que enalteceu os raros dotes morais e intelectuais da homenageada. Esta agradeceu, por fim, em palavras enternecidas, prometendo continuar a sua já notavel obra.

IMPRENSA

Iniciou a sua publicação em Lisboa o semanario de educação fisica, «O Campeão», que é dirigido pelo sr. Mario Sant'Ana e que se apresenta excelentemente colaborado.

Um original português

Estreou-se

ante-ontem
no Nacional
a comedia
"A boneca e os fantoches"

Ha muito que esperava de Ramada Curto uma obra definitiva que correspondesse á força propulsora do seu maravilhoso talento e ao lugar que ele ocupa nas letras portuguesas. A cada uma das suas peças, porventura belas, mas ainda imperfeitas, como as estatuas que lentamente ascendem e triunfam do bloco de marmore onde já palpitam, eu sentia que o dramaturgo caminhava ao encontro desta sua ultima peça que, pela primeira vez, nos abre as portas do teatro moderno, em Portugal. Já não pode a critica evocar como exemplo a fileira dos vanguardistas do teatro francês: Sarment, Jean Jacques Bernard, Lenormand, Giraudoux, para dizer, com apagada tristeza, que a nossa produção dramatica gira continuamente, qual pião tonto, na orbita grosseira das paixões e dos sentimentos.

A Boneca e os Fantoches marca, na obra de Ramada Curto, uma evolução e uma ascenção. E' uma página de teatro intimo, penetrante de analise psicologica, rica de sensibilidade, magnifica como desenho de caracteres — simples na fabula, porque nela são as almas, cambiando reflexos, que caminham e precuram a luz que as revela, e não o movimento, ficção de teatro, com que os autores mediocres contentam o publico, satisfazendo-lhe a epiderme grosseira e rustica. Ramada Curto atingiu, enfim, a maturidade do seu talento criador. Em entrevista, publicada nas ante-vesperas desta peça ir a scena, ele citava o romance de Maurois — *Climats*. Sirva-nos essa citação como indice espiritual do dramaturgo. Mas não aproximemos, como ele o fez, certamente por modestia, a figura central da sua peça da heroina do romance. Não ha parentesco. Talvez, afinidade. Encaremos apenas aquela, já que não temos espaço para levar mais longe a nossa analise. Tereza é uma alma contraditoria, venenosa e envenenante, lubrica e cruel, anciosa e febril, cheia de inquietação e de vida misteriosa, recalcadas, que pretende libertar-se das suas curiosidades doentias e literarias, como a mulher portuguesa, deformada por uma educação acanhada, costuma fazê-lo: pela mentira obsecante e pela aventura estupida.

E' das mais belas figuras do teatro de Ramada, caracteristico pela vitoria do eterno feminino sôbre o homem: o fantoche e a boneca.

Outro tipo de mulher, de grande verdade, de ternura pitoresca, de amizade que já renunciou ao amor: a actriz banal, que sabe ditar o sacrificio e vivê-lo, com simplicidade, e sem exteriorizações. Outra ainda, pequenina, a chave inglesa da peça, a inglesa buliçosa e observadora, animal de ar livre e de gostos francos, prototipo duma educação superior, feita de saude e de liberdade que, pelo contraste, marca a inferioridade da mulher portuguesa, escravizada pelo casamento, unica profissão legal que lhe admitimos. O

(Vêr continuação na 8.ª página)

Teatro Avenida
O Tremoço Saloio
Duas Sessões
A's 8 1/2 e 10 1/2

PORTUGAL EM AFRICA

A nossa situação colonial

carece duma acção mais intensa

sob o ponto de vista

da colonização

O artigo que publicámos no *Diario de Lisboa* de 7 de Setembro ultimo, que Faber considerou habilissimo, lisonja que muito agradecemos, foi apenas sincerissimo.

Escrevemo-lo depois de um exame minucioso e desapaixonado á questão das companhias soberanas, que tantas pessoas tem apaixonado, e outra coisa não tivemos em mira, além do intuito de focar num quadro rapido e preciso, essa complicada questão, de maneira que o publico a compreendesse, senão o desejo de fixar a nossa modesta opinião.

Tinha já passado a questão do porto da Beira? Tinha. Onde iria ela! Mas a questão do porto da Beira foi uma coisa, e a questão das companhias soberanas é outra. Aquela passou, deixando atraz de si bastantes destroços, que a Nação ainda não viu mas que pessoas cuidadosas se estão dando ao trabalho de juntar e observar para depois os pôr á luz plena do dia, e a outra continua a agitar os espiritos daquem e dalém-mar em circunstancias bastante singulares.

Se Faber ainda o não viu é porque anda muito pouco atento.

Que estranheza poderá, pois, haver na publicação do nosso artigo de Setembro?

Estranha e muito estranha é a circunstancia de só agora aparecer Faber a contestar um artigo escrito ha tanto tempo!

* * *

Mas analisemos a contestação de Faber.

Se não lêmos mal foram estes os pontos que ele fixou:

Primeiro: Que foi um sofisma a paridade que estabelecemos entre as magestaticas estrangeiras e as magestaticas nacionais.

Segundo: Que a colonisação do Territorio é feita com elementos estrangeiros, na maioria ingleses.

Terceiro: Que foram negativas as conclusões do quesito respeitante ao porto da Beira: "pôs o porto da Beira—o celebre—nas mãos de Portugal.„

Quarto: Que impugnámos a possibilidade do Estado administrar os territorios de Manica e Sofala, mas sem argumentos solidos.

Quinto: Que deviamos ter respondido a um quesito fundamental: "*Como e por que meios a Companhia de Moçambique promoveu a nacionalisação das terras de Manica e Sofala?*„

Sôbre o primeiro ponto escreveu Faber o seguinte:

"Mas logo vinha um sofisma: estabelecia ou, pelo menos, pretendia insinuar uma *paridade hibrida* entre o caso das companhias magestaticas em colonias inglesas, com capitais *nacionais*, sem perigo de infiltração estrangeira e trazendo para a administração as qualidades dum povo em que a actividade particular rivalisa com a do Estado, e o caso inteiramente diverso das companhias magestaticas em colonias portuguesas, com capitais *estrangeiros*, para mais de nações com colonias limitrofes e sempre dispostas a realizar velhos planos de absorção.„

Este é o primeiro bocadinho de oiro da critica. Um *sofisma* e uma *paridade hibrida* logo de começo!

Vale a pena vêr o que isto é, para podermos avaliar das intenções ou dos conhecimentos do articulista das *Novidades*, desse articulista que, no dizer bizarro doutro colonialista, *tem miolos.*

Em que consistiu o nosso sofisma?

Faber não o disse, mas procurando bem concluimos que ele consiste nas seguintes palavras que escrevemos:

"Foi em face dos grandes resultados colhidos com estas companhias (magestaticas) ou das grandes promessas que elas ofereciam, que Portugal resolveu aplicar tambem o mesmo sistema, eguindo neste caso os passos da Inglaterra e da Alemanha.„

Chamar sofisma a isto é forçar muito as coisas, é dar uma interpretação confusa e complexa a ideias claras e simples.

O que nós fizemos foi fixar com rigor uma verdade *incontestavel*, que o proprio Faber reconhece. E assim a tal *paridade hibrida* está inteiramente deslocada.

Admitamos, porém, que o reparo de Faber veio muito a proposito e vejamos o que vale como elemento de combate:

As nações coloniais, principalmente as que possuem colonias em Africa, têm grandes obrigações a cumprir, como claramente nos disseram a conferencia de Berlim, o *ultimatum* e, mais recentemente, as conferencias de Genebra. E quais são essas obrigações? Fundamentalmente as de ocupar, explorar e colonisar as vastas regiões africanas.

A *ocupação* fizemo-la nós em circunstancias especialissimas, ora por meio das armas ora por meio do comercio, mas sempre com grande inteligencia e extraordinaria coragem.

E a *exploração*? Neste ponto não fomos tão longe. Fizemos S. Tomé, algumas explorações em Angola e na Zambezia, além de alguns caminhos de ferro importantes. como o de Benguela e os de Lourenço Marques, falando só dos terrenos que estão sob a directa administração do Estado. O mais, que é muito, está quasi tudo por fazer.

Quanto á *colonização* muito pouco temos realizado, não obstante alguns esforços grandesa no sul de Angola, no sul de Moçambique e no territorio da Companhia de Moçambique.

Analizando, pois, a nossa situação em Africa verificamos que essa situação, em face das três obrigações fundamentais expostas, é optima sob um ponto de vista (o da *ocupação*), boa sob o segundo (o da *exploração*), e mau sob o terceiro (o da *colonização*), o que quere dizer que duma maneira geral a nossa situação em Africa é muito boa.

Atentemos, porém, em que nos tempos que vão correndo o mundo exige das nações coloniais uma exploração e uma colonização *muito activas*, e em que os feitos do passado, por mais gloriosos que sejam, não passam de pergaminhos historicos, e tenhamos a coragem de dizer que *actualmente* a nossa situação colonial em Africa carece duma acção mais intensa, tanto para honra de Portugal como para segurança do que nos pertence.

Essa acção intensa todos sabem que só é possivel havendo muito dinheiro, muitos milhões para caminhos de ferro, estradas, portos, credito agricola e industrial, etc. E se nós não possuimos um vintem para isso, o que havemos de fazer? Entregar as colonias ás potencias endinheiradas ou mante-las em estado selvagem? Evidentemente que não.

O que ha a fazer, já que os nossos capitalistas, por ignorancia ou por maldade, continuam indiferentes pelo Ultramar, e já que os nossos Govêrnos ainda os não souberam convencer de que o melhor caminho para as suas libras não é o de Londres, é abrir as portas aos capitais estrangeiros, embora com todas as reservas aconselhadas pelos nossos direitos e pelo nosso patriotismo, tal qual como se tem feito na metropole.

Evidentemente que o melhor seria nós fazermos tudo com os nossos recursos, com aqueles 50 milhões que alguns portugueses possuem nos bancos ingleses. Mas se isso não se pode fazer, temos de entrar francamente no outro caminho indicado, que nem é novo nem é tão perigoso como muitos supõem, quando, repetimos, fôrem sabiamente defendidos os nossos interesses.

Se não estamos em êrro, foi assim que se fizeram o Brasil, os Estados-Unidos e outras modernas nações.

De maneira que a entrada de capitais estrangeiros nas nossas colonias é absolutamente necessaria, em face do retraimento dos nossos, e a entrada dêsses capitais, quando bem regulamentada, pode deixar de ter os perigos que muitos receiam.

Em principio, pois, a tal *paridade hibrida* de Faber é uma razão completamente desclassificada.

* * *

Mas esmiucemo-la mais um pouco e desclassifiquemo-la tambem na particularidade: *para mais de nações com colonias limitrofes e sempre dispostas a realizar velhos planos de absorção*, porque já é tempo de acabarmos com especulações injustas.

A Companhia de Moçambique, com poderes soberanos, constituiu-se *por necessidade da Nação*, como já foi demonstrado, e o seu capital não é todo português porque os banqueiros que em 1890 se reuniram na Associação Comercial de Lisboa, a convite do Govêrno, reunião á qual assistiram Oliveira Martins e Joaquim José Machado, não tiveram coragem para subscrever *um milhão de libras.*

Apenas por isto, e mais nada.

E por que não tiveram coragem os nossos banqueiros? Porque apesar das grandes esperanças que então havia de encontrar abundante oiro em Manica as coisas de Africa eram muito contingentes, como ainda hoje o são.

Onde ir então buscar o dinheiro senão áqueles que tinham maior interesse em que se construisse o caminho de ferro Beira-Rodesia, que era a maior aspiração desse tempo?

Na frase pitoresca dum director da Companhia de Moçambique, o que então se fez foi *curar o cão com o pêlo do mesmo cão.* Não havia outro remedio, e como não havia outro foi esse o que se aplicou.

E' claro que se Faber existisse nesse tempo ou já escrevesse artigos coloniais, as coisas ter-se-iam passado doutra maneira... Aquele Oliveira Martins, aquele Joaquim José Machado, aquele Barros Gomes e aquele Antonio Enes eram uns grandes tôlos, uns grandes traidores!

Mas se a criação da Companhia de Moçambique (da Companhia do Niassa não vale a pena falar porque, coitada! já morreu) fôsse um crime, a quem cabia a responsabilidade desse crime?

A' Companhia, que se organisou a instancias do govêrno de então?

Venha de lá já a resposta a esta pregunta, mas sem se voltar o bico ao prego.

E continuemos. Vamos agora vêr o que valem as palavras: *e sempre dispostas a realizar velhos planos de absorção.*

Tambem aqui Faber foi infeliz. Tanto sob o ponto de vista politico como sob o ponto de vista economico as Rodesias e o Nyassaland não possuem hoje nenhuns planos de absorção. Isto é sabido por todos os que acompanham de perto e atentamente as relações das colonias inglesas da Africa Oriental e da Africa do Sul com o territorio da Companhia de Moçambique e com toda a colonia.

Planos de absorção existiam da parte dos alemães, ao norte do Niassa, e existem ainda hoje da parte duma grande corrente sul-africana, que não pode levar á paciencia para o porto de Lourenço Marques esteja em nossas mãos.

Mas Rodesias e Africa do Sul são paises de mentalidade e de orientação muito diferentes, não se podendo tolerar mutuamente, motivo porque a visinhança das Rodesias, em vez de ser para nós um mal, como quer Faber, é um grande bem.

Poderá objectar-nos o articulista das "Novidades„ que se o perigo das Rodesias não existe já existiu, procurando assim aguentar-se na corda bamba em que se colocou.

Para lhe tirarmos trabalho diremos já que se nos vier com essa responderemos fazendo-lhe uma simples pregunta:

—Então Faber *esgrime* com planos de absorção *que existiram*, para combater uma companhia que se fundou precisamente para combater, como combateu, esses velhos planos, e nega a essa companhia o direito de se defender com as razões *que tambem existiram* para a sua organização?

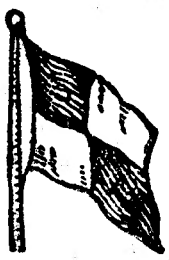
* * *

A respeito da criação da Companhia de Moçambique, isto é, do sofisma descoberto por Faber, cremos não ser necessario ir mais longe, demonstrado como está que essa companhia, assim como a do Niassa, foi organizada *por conveniencia da Nação.*

No proximo artigo apreciaremos os outros pontos fixados por Faber.

Temos ainda que conversar!

Antonio Lopes



Companhia Nacional de Navegação

LINHA RAPIDA DA AFRICA ORIENTAL NO DIA 20 O PAQUETE

"QUANZA„

com destino aos portos de Funchal, S. Tomé, Loanda, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os portos de baldeação em Lourenço Marques.

Este paquete recebe a carga destinada á Africa Oriental até ás 21 horas do dia 17, e a destinada á Africa Ocidental até ás 21 horas do dia 18.

Para esclarecimentos e mais informações:

EM LISBOA -- na Séde: Rua do Comercio, n.º 85

NO PORTO -- na Sucursal: Rua da Nova Alfandega, n.º 34

No Coliseu

Uma trapalhada . . .

O impossivel não é possivel — diria o amigo Banana. No entanto alguma coisa ha que vem provar não ter razão desta vez o seguro, o infalivel amigo Banana. E' o numero que hoje se estreia no Coliseu, dos irmãos Revelhos, que confundem no espirito da gente todas as noções de realidade e fantasia, executando em arame oscilante os mais extraordinarios exercicios de malabarismo acrobatico. O que é e sempre foi impossivel para a humanidade passou a ser possivel para os Irmãos Revelhos — e só para eles — continuando a ser, afinal, para todo o mundo uma coisa impossivel, que ainda ha de custar a acreditar mesmo depois de vista.

Como não se pode dar uma ideia, ainda que ligeira do que é o milagroso trabalho dos Revelhos, basta dizer-se que essas duas estupendas criaturas são hoje em dia as celebridades maximas do Circo, mil vezes mais assombrosas do que tudo quanto se possa imaginar.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,45—«A boneca e os fantoches».
Trindade—A's 20,20 e 22,30—«Feira da Luz».
Gimnasio—A's 21,30—«A primeira noite».
Politeama—A's 21,30—«O ultimo lord».
Apolo—As 21.—Maré de sorte». Revuette Jazz Norte Americana.
Avenida—A's 20,30 e 22,30—«O tremoço salóio».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«O Zé Povinho».
Coliseu dos Recreios—A's 21—Grande companhia de circo.

ANIMATOGRAFOS

São Luiz Cine—A's 21.
Olimpia—Das 14,30 ás 0,30.
Royal Cine, Rua da Graça, 100—A's 9.
Cinema Condes—A's 21.
Tivoli—A's 21.
Central Cinema—A's 21.
Salão Ideal—A s 20,30.
Max Cine, Rua Barão de Sabrosa (ao Alto do Pina).—A's 20,30.
Cine Belgica, R. da Beneficencia, 175 (ao Rego). —Sabados, domingos e quartas
Campolide Cinema—Aos domingos, segundas, quintas e sabados.

Dancing's

Maxim's—Baile e Variedades.

TEATRO APOLO
Hoje ás 9 horas prefixas
Companhia AMELIA—AVRA ALMANCHES
A peça de maior renome e mais elogiada
Maré de Sorte
Em Fim de Festa a celebre «troupe»
Revuette Jazz-Norte Americana

A SAUDE DA BOCA

A HIGIENE DENTARIA

Não se tem feito, entre nós, infelizmente, propaganda sôbre higiene dentaria. E, todavia, não é exagêro afirmar, que a uma perfeita saude da boca está ligada a conservação de todo o equilibrio organico, e deste depende a saúde do corpo. Tudo devemos, portanto, fazer para que este equilibrio se não rompa.

Ignora muita gente, mas todos os medicos o sabem, que é forçoso para os doentes cuidar, da bôca, antes de iniciarem os seus tratamentos anti-sifiliticos.

E' por esse motivo, que todos os clinicos aconselham os seus enfermos, a procurarem um dentista, a fim de lhes serem dispensados os cuidados necessarios de modo a poder ser feito o tratamento especifico.

Infelizmente, uma grande parte dos doentes só tardiamente efectiva a indicação do seu medico, mas sómente quando as complicações já lhe surgiram, e em tal estado, que é forçoso, desde logo, suspender a administração do fármaco, com prejuizo da doença que estava sendo debelada.

O tratamento dentario a fazer ,nessas condições, torna-se doloroso e dificil, quando teria sido feito facilmente, e sem dôres, antes do inicio da sua cura.

E' que as estomatites, em regra geral, são na maioria dos casos, acompanhadas de fenomenos dolorosos, inflamatorios, hemorragicos, etc., impedindo a deglutição e os movimentos mastigatorios e até devido á excitação de certos nervos impedem que o doente abra a bôca (trismus).

Estes fenomenos patologicos ter-se-hiam, em grande parte, evitado, se o doente tivesse sido mais cuidadoso.

Bem mal andam, portanto, os doentes que despresam a indicação do seu medico, por julgá-la inutil.

Estes cuidados devem consistir, principalmente, na remoção do tartaro seguida de escovagem mecanica, estracção das raises e dentes considerados imprestaveis e tratamento conservador daqueles que, pela resistencia das suas paredes, o permitam, aproveitando assim os beneficios duma obturação. Daqui se conclui a necessidade da interferencia do dentista num momento em que, á primeira vista, se afigura supreflua a sua acção.

Só depois da septicidade bucal ter sido melhorada com tais cuidados, aos quais se podem muito bem chamar profilaticos, é que o doente está em condições de iniciar o tratamento da sua sifilis, seguro de não vêr aparecerem, os inconvenientes que este lhe acarreta, quasi sempre, em caso contrario.

Uma grande parte do medicamento empregado, para este fim, elimina-se pelas glandulas salivares, dando logo uma hyper-salivação.

Como consequencia da hyper-salivação é arrastado para o estomago e intestinos, um maior numero de bacterias, as quais estiveram numa bôca com menores defesas que habitualmente, pelos motivos expostos. Daqui resulta, como consequencia, um «optimo» para as auto-intoxicações, exaltadas ainda em relação áquelas que são hábito observar em individuos portadores de maus dentes, mesmo fóra dum periodo que as favorece como aquele de que nos ocupamos neste momento.

Estas complicações são ainda mais graves, tratando-se dum individuo portador duma gengivite expulsiva, nome sobejamente indicativo de que tal doença expulsa os dentes dos alveolos.

Embora a origem da gengivite expulsiva seja bastante obscura, está, todavia, provado em centenares de estatisticas, que quasi sempre tem o seu inicio numa simples gengivite, medicamentosa em septica, circunscrita a um ou poucos dentes.

Assim todos os esforços se devem empregar no intuito de não vêr surgir uma doença que, tarde ou cêdo, leva sempre á perda de dentes, de bom ou mau aspecto, mas nossos, preferiveis a outros que, embora não doendo, são sempre os duma desagradavel «dentadura postiça».

Não nos parece, por consequencia, de mais chamar a atenção daqueles que nos lêram para factos que diariamente se repetem e se esquecem.

BARROS MARINHAS

Congresso

De Hidrologia

O Congresso Internacional de Hidrologia, Climatologia e Geologia, que se realisa trienalmente, e a Sociedade Internacional de Hidrologia de Londres vão reunir em Portugal no mês de Outubro proximo sob o alto patrocinio do senhor Presidente da Republica, que ontem o assegurou pessoalmente e nos termos mais lisongeiros aos srs. professores drs. Egas Moniz, Raposo de Magalhães e Carneiro Pachego, respectivamente Presidente, Secretario Geral e Presidente da Comissão Administrativa.

Tambem foi ontem mesmo solicitada a colaboração da Camara Municipal em tudo o que possa dar maior brilho á recepção dos congressistas, representantes de mais de 20 nacionalidades, sendo de esperar que o Municipio lisbonense honre mais uma vez as suas tradições de hospitalidade.

Fazemos os maiores votos pelo exito deste empreendimento, que tanto interessa á sciencia e ao nosso país, rico de aguas minerais.

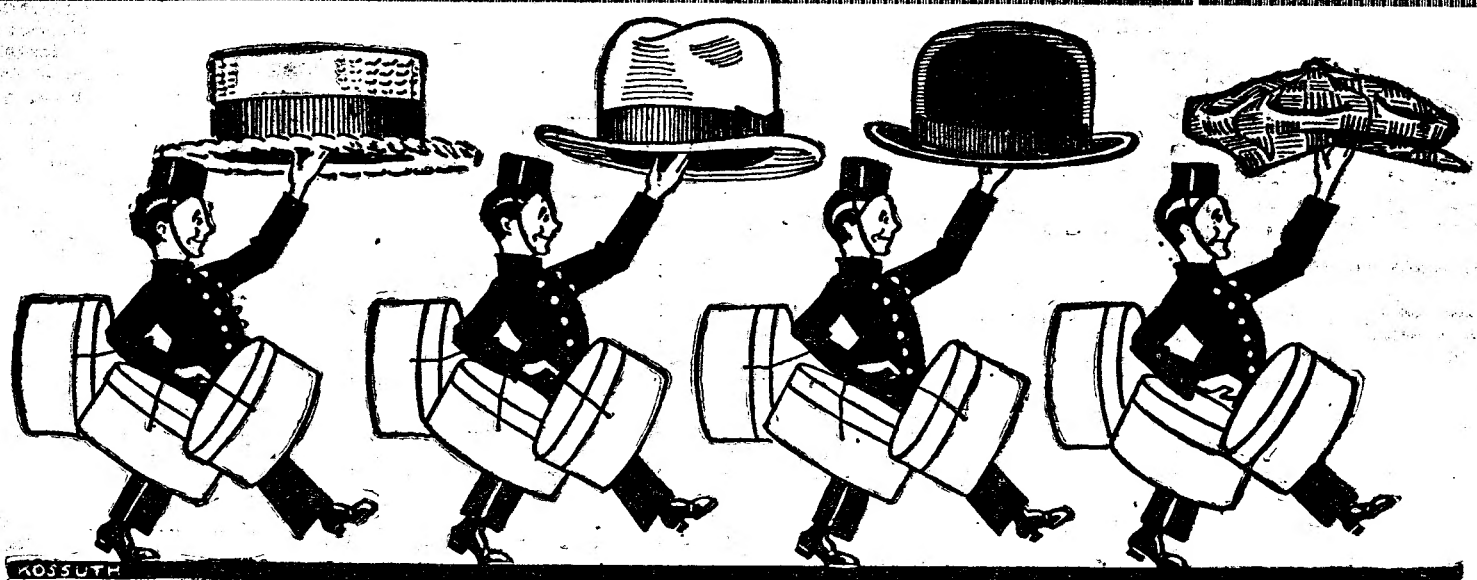
TEATRO DA TRINDADE
A's 8 1|2 e 10 1|2 — Duas sessões
Companhia Herminio Luz
de que faz parte o actor Nascimento Fernandes
O maior triunfo teatral em Revistas portuguesas
FEIRA DA LUZ

TEATRO POLITEAMA
Tel. T. 5028 — Hoje-A's 9,30
Ultimas Representações
da linda comedia
O ULTIMO LORD
Brevemente:
A ARANHA

José de Pinho Branco

FALECEU

Maria do Carmo Oliveira Lira, Francisco Pinho Branco, mulher e filhos, Amadeu Pinho Branco, mulher e filho, Adão Benjamin Pinho Branco, mulher e filha, Eduardo Pinho Branco, José de Souza, mulher e filho, e mais pessoas de familia participam o falecimento de seu querido esposo, pae, sogro e avô, e que o seu funeral se realisa amanhã 14, pelas 15 horas, para o cemiterio dos Prazeres, saindo o prestito funebre da rua da Lapa, 93, 2.º.



"Palmares"
A PRIMEIRA MARCA PORTUGUEZA

PALMARES
CHAPELEIROS - ESPECIALISTAS
Malas "HARTMANN"

"Stetson"
O MELHOR CHAPEU DO MUNDO

A casa que vende só artigos de 1.ª qualidade. Comprando-os V. Ex.ª terá a certeza que lhe prestarão os serviços que deles tem o direito de esperar.

257, RUA DO OURO, 257

RADIO TELEFUNKEN

7 1/2 OITAVAS DA ESCALA MUSICAL

com o novo

TELEFUNKEN 40

Selecção das estações europeias por kilociclos.
Liga-se directamente á corrente de iluminação. Sem antena exterior.

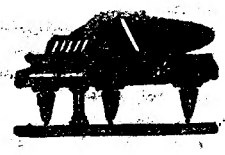
a mais antiga experiencia --- a mais moderna construcção

AEG

Sociedade Lusitana de Electricidade A. E. G.
LISBOA -- Rua dos Fanqueiros, 12-16
PORTO -- Rua Sá da Bandeira, 209-215

MALAS E PELES

Enorme sortido aos preços da Fabrica
Raposas—Echarpes—Lebres—Cores da moda
Curto, tinge e transforma
MALAS, GRANDE VARIEDADE
Deposito da Fabrica Internacional de Malas
Descontos a Modistas e Alfaiates
JULIO CASSIANO
RUA DO AMPARO, 21



Urgãos
«MUSTEL»
«GUTTINO»
«RODOLPH»

Pianos «SCHWECHTEN»
«BULOW» «LEHMANN» «EUTERPE»
Autopianos Rolos
reparações e afinações
Preços muito reduzidos
Olavo Cruz, Lt.ª
L. Trindade Coelho, 6
— (Antigo S. Roque) —

Sumauma Nacional

A 4$00 O KILO
—Estrangeiras ao melhor preço—
COLCHOARIA CENTRAL
128—RUA DOS FANQUEIROS—130
TELEFONE C. 1161

DEPOSITO DA COVILHÃ

Cortes de fatos, desde	*34$50*
Cortes de sobretudos, desde....	*75$50*
Sobretudos já feitos, desde	*180$00*

Vendas directas das fabricas ao publico
Não confundir
ROCIO, 93, 1.º
Manda amostras ao domicilio e para a provincia.

DANÇAS

MADRUGO
●
PROF. DA ACTUALIDADE

R. DA PALMA 224-2.º TEL N 5139

Na CASA DE CAMBIO
D. E. Gouveia & Silva

84 — Rua d'Assumpção — 86
(Proximo á R. do Ouro)
Venderam-se numerosos premios na lotaria de sabado

Sabado, 18 do corrente

400:000$00

A' venda bilhetes e fracções aos melhores preços do mercado. Pelo correio mais um escudo. Enviam-se listas a todos os compradores.

Esta casa compra e vende moedas nacionais e estrangeiras, coupons, e trata da renovação de bilhetes do Tesouro.

FUNERAES — TEL. 1094 N
MARIO MILHEIRO
RUA DOS ANJOS, 131
SERVIÇO PERMANENTE
PREÇOS RESUMIDOS

A FELIZ
TABACARIA
Condeixa

Distribuiu na lotaria de sabado pelos seus estimaveis fregueses os premios seguintes:

258.....	1.000$00
em cautelas	
662.....	2.000$00
Bilhete inteiro	
1290.....	2.000$00
em cautelas	
1782.....	1.000$00
numero certo, em vigesimos	
2113.....	1.400$00
numero certo, em vigesimos	
2827.....	1.000$00
em vigesimos	
3576.....	2.000$00
Bilhete certo	
4373.....	1.000$00
em vigessimos	
7520.....	1.000$00
Bilhete certo, vendido inteiro	
8953.....	1.000$00
Bilhete certo, vendido inteiro	

A 18 e 25 do corrente
400.000$00

Bilhetes a.....	180$00
Meios a.....	90$00
Quartos a.....	45$00
Decimos a.....	18$00
Vigesimos a.....	9$00
Cautelas a.....	5$00

A 1, 8, 15 e 22 de Fevereiro
400.000$00

Bilhetes, meios, quartos, decimos, vigesimos aos preços acima indicados.

Pedidos a
João Condeixa
211, Rua Arco Bandeira, 211
(Proximo ao Rossio)
Pelo correio mais 1 escudo

Sempre Premios Grandes

União Industrial Constructora Limitada

Por esc. de 30 de Janeiro de 1929 lavrada a fls. 65 do L.º n.º 77 das notas do notario abaixo assinado, foi constituida entre os srs. José Maria Caetano Macieira, Antonio Branco e Manuel Freire de Albuquerque, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos art.ºs seguintes:

1.º

Esta sociedade adopta a denominação de «União Industrial Constructora Limitada», fica com a sua séde em Lisboa e o seu domicilio na rua do Arco do Cego, letras M. I. C. L.

2.º

O seu objecto é o exercicio da industria de construções, e do comercio de compra, venda e revenda de predios, podendo explorar qualquer outro ramo em que os socios acordem.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu inicio, para todos os efeitos, desde hoje.

4.º

O capital social é de 45 contos, em dinheiro e corresponde á soma das 3 quotas de 15 contos cada uma, subscritas uma por cada socio.

5.º

Não serão exigiveis prestações suplementares de capital, mas os suprimentos feitos pelos socios á caixa social vencerão ou não juro conforme entre si combinarem.

6.º

E' livre a cessão total ou parcial de quotas entre os associados bem como a divisão de quotas por herdeiros de socios.

A cessão a favor de estranhos fica dependente do consentimento dos outros socios a qualquer dos quais, sendo consentida a cessão, fica reservado o direito de preferencia na adquisição.

7.º

A gerencia e administração da sociedade e a sua representação em juiso e fóra dele, activa e passivamente, ficam a cargo de todos os socios todos os quais ficam nomeados gerentes, sem caução.

Paragrafo 1.º—Fóra dos actos de méro expediente, os quais poderão ser assinados por qualquer dos gerentes, para que a sociedade fique obrigada é necessario que os respectivos actos e contractos sejam em nome dela assinados por todos os gerentes;

Paragrafo 2.º—Ocorrendo o falecimento ou interdição de 1 socio a pessoa que os representar na sociedade enquanto a quota estiver indivisa, obrigará a sociedade conjuntamente com os outros 2 gerentes; e depois da quota dividida, nos actos de alienação e hipoteca assinarão todos os socios, nos demais actos assinarão apenas os gerentes que estiverem nomeados.

8.º

As assembleias gerais, serão convocadas por simples cartas aos socios dirigidas com a antecedencia de 3 dias, salvos apenas os casos em que a lei exija outras formalidades.

9.º

Haverá balancetes semestrais e os balanços serão anuais e fechados com a data de 31 de Dezembro, devendo estar assinados nos 30 dias seguintes; e os lucros liquidos apurados depois de separados 5 0/0 para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos socios na proporção das quotas.

10.º

Ocorrendo o falecimento ou interdição de 1 socio e querendo os seus herdeiros ou representantes continuar na sociedade escolherão de entre si 1 só que na mesma os represente enquanto a respectiva quota se achar indivisa.

Não querendo os mesmos herdeiros ou representantes continuar na sociedade, assim o participarão, no praso de 60 dias a contar do falecimento ou transito em julgado da sentença da interdição, aos demais socios, os quais ficam obrigados a adquirir a quota do falecido ou interdito, pagando áqueles no praso de 6 meses a contar da ocorrencia, salvo acôrdo em contrario, tudo o que o balanço a que para esse efeito deverá proceder-se, acusar pertencer-lhes em quota, fundo de reserva, suprimentos e mais creditos.

11.º

Esta sociedade apenas se dissolverá nos casos e termos legais, e, seja qual fôr o motivo da dissolução, desde que 1 socio o deseje, haverá licitação verbal para todo o activo e passivo ser adjudicado ao socio ou socios que mais vantagens oferecer.

12.º

Em todo o omisso regularão as deliberações dos socios consignadas nas respectivas actas e as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e demais legislação aplicavel.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1929.

O notario
Eduardo Caetano Nunes

PIANOS

e
Autopianos
Rolos
Musicas
Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

"OKASA"
Contra todas as formas da neurastenia sexual. Embalagem especial para cada sexo
Pedir folhetos aos depositarios
RAUL VIEIRA, LTD.
R. da Prata, 51, 3.º

ESTRANGEIRO

TINJAM EM CASA
COM AS APAMADAS
TINTAS ARTI

REVISTA DAS REVISTAS

A SEMANA Internacional

POLITICA

Os bastidores do gabinete inglês

Heinrich Guttmann publica na *Kolnische Illustrierte Zeitung*, de Colonia, um artigo sensacional sôbre a politica do Govêrno trabalhista inglês, historiando a transição entre o ultimo e o actual Govêrno.

Mais sugestivas ainda que o artigo, que se intitula «Sombras chinesas politicas em Inglaterra», são as ilustrações. Nelas se vêem as «sombras chinesas» de alguns dos actuais ministros. Na impossibilidade de reproduzir as gravuras, transcrevamos as legendas:

«Ramsay Macdonald, primeiro ministro inglês e a sua sombra conservadora Stanley Baldwin. O filho de Baldwin é deputado do partido trabalhista».

«Arthur Henderson, ministro dos Estrangeiros, e a sua projecção Austen Chamberlain, de cartola e monoculo, uma das mais conhecidas figuras da politica mundial».

«Philip Snowden, ministro das Finanças do Govêrno trabalhista, uma das mais argutas cabeças do gabinete e o seu precursor sir Winston Churchill».

«J. R. Elynes, ministro inglês do Interior, e a sua sombra Sir William Johnson-Hicks, que ha pouco tempo quiz adquirir o titulo dum Lord Bentford».

A ironia da epigrafe e as correspondencias estabelecidas são mais significativas do que podem parecer.

No seu numero de 28 de Dezembro ultimo *Monde* constata a instabilidade do gabinete inglês, prevendo uma ligação conservadora-liberal, ligação que é apenas dificultada pelo facto dos liberais aspirarem a constituir Govêrno sem a colaborção dos conservadores.

«O ministro da Guerra trabalhista Ton Shaw exprimiu em Londres a vontade do Labour Party de provocar uma consulta geral do país, se as dificuldades parlamentares se acentuarem».

Isto equivale a prometer uma proxima dissolução do Parlamento.

ECONOMIA

O tio da America

O «Krach» de Wall Street já tem feito correr muita tinta para que nos ocupemos dele aqui, embora ainda estejamos longe de poder dar-se por terminada a sua maléfica repercussão. Mas não queremos deixar de assinalar um artigo notavel de Guglielmo Ferrero publicado em *L'Illustration*, intitulado «O oiro, a America e a Europa».

Da comparação das reservas-ouro dos bancos dos Estados Unidos e dos principais Estados europeus em 1913 e em 1928 resulta que, enquanto a dos Estados Unidos duplicou, a da Europa diminuiu consideravelmente. Note-se que a reserva-ouro total excedia em 1928 de 316 milhões e de 1913 (respectivamente 1.509 e 1.193 milhões de libras esterlinas).

«Para restabelecer o equilibrio entre os dois continentes, diz Guglielmo Ferrero, para nivelar os preços, para acalmar as febres especuladoras da America e aquecer um pouco o corpo arrefecido da Europa era preciso trazer para o Velho Mundo o ouro que tem emigrado de ha quinze anos para cá. Esse movimento não parece ainda ter começado. Poderá esperar-se que comece brevemente?»

Apesar do panico e da crise, a America resiste ainda — e guarda o seu (e o nosso) dinheiro.

Mas o motivo era demasiadamente tentador para travar a verve dos humoristas europeus. A lenda do «tio da America» transformou-se depois do «Krach». Assinalamos duas *boutades* semelhantes. Uma em *Gringoire*, sób um desenho de Raymond Pallier: Um casal burguês recebe uma carta; e o marido explica á mulher, após a leitura:

— «E' o teu tio da America que nos pede um pequeno auxilio».

Outra em *Guerin Meschino*, do caricaturista italiano Manca: Enquanto uma familia reunida procura não fazer barulho, chamando-lhe nomes em voz baixa, a criada despacha, á porta, o «pobre» tio da America:

— «Não está ninguem em casa...»

Rira bien...

LETRAS

A obra de Thomas Mann

La Gaceta Literaria publica um artigo escrito directamente em castelhano por Olga Sachsel-Lichtenstein sôbre o escritor alemão Thomas Mann, premio Nobel de literatura em 1929.

Esse artigo resume, em breves dados biograficos a agitada vida de Thomas Mann, e as «consequencias literarias» dessa agitação.

Redactor da revista *Simplicissimus*, de Munich, durante o ano de 1900, escreveu a novela «O pequeno senhor Friedmann», que é uma caricatura de si proprio. Em 1901 publica «Os Buddenbrooks», onde narra o que sofre e como é julgado pelos seus semelhantes o homem superior á mediocridade. Em «Tristan» (1903) o esteta Detlev Spinal é uma outra caricatura do seu novo aspecto mental. «Florença» (1905) é uma nova epoca da sua obra «Lorenzo, o magnifico», adversario decadente de Savanarola; é a luta entre o homem a quem embeleza o amor pela beleza e o que representa o espirito e a fé. «Frederich II und die grosse Koalition», publicado durante a guerra grangeou-lhe inumeros inimigos; é a luta entre o Direito e o Poder.

Lichtenstein refere-se ainda aos seguintes livros de Thomas Mann:

«Bilse e eu», «Sua Alteza Real», «A morte em Veneza», «O menino prodigio», «Considerações dum homem que não é politico», «Cantico á criança», «Confissão do bombista Felix Kroll», «Bajazzo», «Tonio Kroger» e «A montanha dos sonhos», que é a sua ultima obra. E termina:

«Pode comparar-se Thomas Mann com a sua patria, pois possui poetas e filosofos que só são grandes na sua missão de reformar e meditar».

Edgar Poë e Alexandre Dumas

Thomas Ollive Mabbot, do Hunter College da Cidade de Nova York, numa curiosa carta enviada ao *Suplemento literario do Times* a proposito dum comunicado de Mr. W. Roberts, em que se falava dum encontro em Paris de Alexandre Dumas, pai, com Edgar Allan Poe, em 1832, encontro descrito pelo autor dos *Três Mosqueteiros*, faz as seguintes observações:

«O facto da descrição que Dumas faz de Poe coincidir com a propria descrição que Poe faz do detective Dupin, heroi das suas novelas, leva-me a crês que Dumas limitou-se a fazer uma divertida mistificação».

«As primeiras traduções em francês do *Duplo Assassinato da Rue Morgue* foram publicadas por dois jornais rivais — *La Quotidienne*, em 11 e 13 de Julho de 1846, e *Le Commerce*, em 12 de Outubro do mesmo ano. Nenhum deles mencionava o nome de Poe, mas bem depressa foi descoberto o plágio. Outras traduções de Poe se seguiram então, e a primeira feita por Beaudelaire parece em Julho de 1848».

«Mas posso afirmar que, embora não aparecesse em França nenhum livro sôbre Poe antes da sua morte, é certo que Baudelaire se interessou por ele o bastante para lêr os detalhes publicados sôbre Poe pelos periodicos americanos. Se Dumas tambem se interessou, deve ter encontrado na mais facilmente acessivel de todas as suas biografias — o artigo de Lowell publicado no *Graham Magazine* de Fevereiro de 1845 — as informações de que necessitava a seu respeito. Aí deve ter encontrado a narração ácêrca da intenção de Poe de visitar os Polos e a sua volta «de São Petersburgo»; um leve conhecimento de historia bastava para lhe indicar que 1832 era um bom ano para localizar Poe em Paris. Mas embora o relatorio de Lowell venha do proprio Poe, isso não é razão para o acreditarmos. Não posso acreditar que uma pessoa como Poe, que tanto se preocupava com o renome, tivesse sido tão vago nas suas referencias sôbre essa sua excursão, nem que não tivesse mencionado a sua amizade com Dumas».

Thomas Olive Mabbot não acredita mesmo que Poe tenha atravessado o Atlantico, «a não ser muito novo, acompanhado pela familia Allan». E muito menos crê no encontro com Dumas.

«Em 1832 — afirma — Poe devia estar seguramente estudando e lutando com a miséria em Filadelfia ou Baltimore».

Mais uma fanfarronada para a longa série do criador de D'Artagnan, Athos, Porthos e Aramis.

ARTE

A viuva de Richard Wagner

No dia de Natal festejaram-se em Bayreuth, essa Meca musical que sonhou e criou Richard Wagner, os noventa e dois anos de Cosima Wagner, viuva do compositor da *Tetralogia*. Louis Schneider resume no *Temps* de quinta-feira passada a sua interessante biografia.

Filha de Franz Liszt e da Condessa d'Agoult, Cosima nasceu nas margens do lago de Côme, donde lhe vem o desusado nome. Do pai herdou o agudo sentido musical, o gosto imperioso de tudo o que era novo em arte. Da mãe, que escreveu sob o pseudonimo de Daniel Stern, alguns vigorosos estudos literarios, politicos e artisticos, lhe veio o espirito aberto ás concepções ousadas, ás ideias gerais— e êsse feitio perseverante, intransigente, que a incompatibilidade com o seu primeiro marido, Hans de Bulow, que por ela se apaixonou, romanticamente, dando-lhe lições de piano.

Divorciada, mãe de quatro filhos, tornou-se a sacerdotisa do deus de quem tinha abandonado o profeta. Richard Wagner encontrou nela, em vida, a consoladora dos seus desgostos morais e materiais.

Diz Louis Schneider:

«Foi a secretária do musico que sucumbia ao pêso do trabalho e das preocupações, foi o diplomata que concilia as inimizades, foi a Antígone que guia e reconforta Edipo no caminho da duvida e ás vezes do desespêro».

Depois da morte de Wagner, Cosima foi a continuadora da sua obra, vigiando os ensaios, insuflando aos cantores o estilo da musica e a verdade das atitudes, chegando mesmo a dirigir os movimentos scénicos. O seu génio autoritario originou inumeros conflitos com dirigentes como Hermann Lévi, Hans Richter, Felix Mottl, Nikisch, Weingartner, conflitos que originaram as demissões sucessivas dos três ultimos. E ainda hoje, com 92 anos, Cosima Wagner conserva vivo o sentimento da sua missão: propagar o culto do super-homem que foi seu marido.

Honra lhe seja feita.

Peças americanas em Paris

Depois da invasão dos cinemas pelos filmes americanos, os teatros europeus estão sofrendo a invasão das peças americanas. Paris, que é o pulso artistico da Europa, acusa uma tendencia, não sabemos se desoladora se louvavel (unicamente em virtude da degenerescencia da «prata da casa», principalmente no genero ligeiro), para as operetas de além-Atlantico, convenientemente adaptadas ao gôsto europeu, isto é: tornadas o mais americanas possiveis. Regimentos disciplinados de *girls* e de *boys* invadem, cadenciados pelo *jazz*, os tablados de Paris. Depois dos triunfos já arcaicos de *No, no, Nanette!* e *Rose-Marie*, o Mogador exibe *Hallélujah*, a famosa opereta *Hit-the-deck*, de Youmans. Depois de *Mississipi* (*Show Boat*, com o seu inolvidavel *Ol'man River*), o Châtalet apresentou *Robert-le-pirate*, que Jean Laserre considera 100.000 vezes (*sic*) superior á versão original: *New Moon*. Nas Folies-Wagram, *Tiptoes*, de Gershwin. No Palace, *Good News*, de Donaldson.

A opinião dos criticos está longe de ser unanime. O menos conformado é Jean Fayard. A proposito de *Good News*, declara com a sem cerimonia simpatica (não para os empresarios...) do costume:

«A anecdota, nem sei mesmo se é preciso contá-la. Não percebi nada. Ninguem, na sala ou na scena, percebeu nada. De resto, isso não tem importancia.

«Que Tom, capitão da équipe de «football» de Harvard case com Patricia, Florence, Bickett, Rose-Mary, Gloria Swanson, Mary Pickford, Peg, Joyce, Madame Hoover, Madge, Mag Lemonnier ou Jane Aubert... o que temos nós com isso?

«Ele proprio está tão pouco enamorado dumas ou doutras que a sua indiferença é comunicativa.

«E' a unica coisa comunicativa de toda a opereta».

Bernard Zimmer é menos severo, pois confessa. tambem a proposito de *Good News*.

«Em todos os «music-halls» começa-se por mostrar «gente nova», mas depressa chega a vez do comico marcado, da bailarina enrugada, por fim da estrela, progressão no renome e muitas vezes na decrepitude. *Aqui não ha nada disso!* Que alivio, que segurança! São tudo carnes firmes, vozes frescas, dentaduras brilhantes, saltos sem asma, piruetas sem anquilose!»

Para nós, a preponderancia da America no teatro ligeiro é uma «douche» salutar. Como a aparição do sonoro nos dominios cinematograficos, serve para expurgar, «numa grande penitencia» — como diria André Levinson —, a opereta, como o filme mudo, de todas as maleitas que afligem, chupando-a, mediocrisando-a, cobrindo-a de rugas e de teias de aranha.

No teatro sério o caso é, naturalmente, mais sério. Depois do triunfal *Processo de Mary Dugan* o Apolo estreou *Shanghai*, que André David considera «um muito belo espectaculo». Mas o teatro declamado dos U. S. A., quando não cai no romantismo nefelibata de *Romance*, inclina-se para um genero pouco limpo: o drama violento, policial, em golfadas de sangue e de vingança. São assim *Crime, Prise, Mary Dugan, Shangai*, e tantas outras que não devem tardar em repetir, em muito melhores condições, a proeza de Lindberg.

Pregunta-se: em *teatrhidro terapeutica* (perdôem-nos a estravagancia do neologismo...) um banho de lama será tão util como um banho de chuva?...

SCIENCIA

O planeta do presidente Hoover

Current Science, uma revista scientifica americana que se publica em Ohio, insere a seguinte noticia:

«Desde ha seculos inumeraveis, um pequeno planeta girava em volta do sol, passando noite e dia por cima das nossas cabeças sem ser apercebido pelos olhos humanos. Um poderoso telescopio, duma extrema sensibilidade, descobriu esse mundo minusculo em Maio de 1920. O professor Johann Palisan, da Universidade de Viena, examinou as provas obtidas, e com o consentimento do corpo docente da sua Universidade, deu a essa massa de materia o nome dum homem que então se tinha tornado ilustre fornecendo mantimentos aos povos reduzidos á miseria pela mais terrivel guerra que jámais conheceu o planeta Terra. Esse homem era Herbert Hoover, o actual presidente dos Estados Unidos».

Hooveria — assim se chama o planeta — continua a girar no espaço ilimitado, consagrando através dos seculos o nome dum homem de bem, que se pode orgulhar da sua imortalidade celeste, graças á gratidão dum astronomo austriaco.

LEONARDO

ODEON Colossal sucesso
O magnifico super-filme realista
TEREZA RAQUIN
Entre o Amor e a Gloria
Grande Orquestra Fabre

ULTIMAS NOTICIAS

Café Comercial
Rua Eugenio dos Santos
Esmerado serviço de pequenos almoços
Especialidade em Bife á Comercial

PRIMEIRAS

A critica
da comedia
"A Boneca e os fantoches"
que se estreou
ante-ontem no Teatro Nacional

(Continuação da 5.ª página)

romancista, tratado com implacavel observação, é uma alma a nú, triunfador traído pelos exageros da sensibilidade, indeciso e triste, e tão infantil na sua grandeza, que uma mulher o salva, quando outra o ia perder. No entanto, o seu delirio, a sua confissão final, são cheias de orgulho literario. Ei-lo que sofre, encobrindo com beleza o seu sofrimento, mas sentindo-o com precisão, tal como um medico que a si proprio se tratasse, quando doente. Gosto tambem do ensaista, inteligencia fria e imperturbavel, *morgue* e cinismo, reagente de almas, em perfeito equilibrio com o romancista.

Se Ramada Curto lhe tivesse definido mais claramente o caracter, o outro seria um farrapo, o que prejudicava a concepção da peça. Pelas figuras apontadas, consegue-se entrever o caso que Ramada Curto teatralizou: a psicologia indefinida e inquietante duma mulher, a quem o casamento, como todos os actos materiais, não satisfaz a anciedade espiritual, complicada é certo, de poços obscuros de sensibilidade e instinto. Ramada Curto analisou nessa mulher, sem generalizar, uma alma de interrogação e de paixão — insaciavel e tremenda, destruidora e devorante, que nada aquieta, nem aplaca, tempestade de nervos e de sentidos que entre si batalham, sem um minuto de tranquilidade, até á morte. O final, apenas apontado, é real e humano: talvez essa mulher seja vencida, como nas alegorias mitologicas, qual outra ninfa, esquiva e sensual, pelo faúno rude e silvestre que, num colapso de amor, a esgote e estonteie... para recomeçar.

Ramada Curto, que é um dialogador admiravel, nesta peça. raro se deixa arrastar pelas suas frases, faceis e brilhantes. Sobretudo, no primeiro acto, obra prima de teatro, a sua linguagem viva, maleavel e sinuosa, é medida, ajustada, revista preciosamente. Adquirire uma tal fôrça de expressão e precisão, que a sfiguras nascem instantaneamente, para realidade, logo que apacem. Nos outros dois, o dialogo absorve-nos em demasia, sentem-se os efeitos do estilo; no entanto o encanto literario é penetrante e permanente.

O desempenho esteve á altura da peça e deu-lhe um enorme relêvo. Amelia Rey Colaço foi a heroína, a bela heroína da noite. Maria Clementina teve um primeiro acto admiravel. A inglesinha, interpretada por Lucia Mariani, uma brasileira, fresca e capitosa como um Fragonard. Robles Monteiro, duma concisão e sobriedade esplendidas. Tereza Taveira, indulgente no seu papel de tia. Assis Pacheco, com uma nobre gravidade intelectual. Carlos de Oliveira desenhou correctamente o medico. Vital dos Santos fez uma bela caricatura de criado. Luís Leitão e Luís Campos — aceitaveis. Scenario, de Antonio Soares, expressivo de modernismo sintetico.

ARTUR PORTELA

Publicaremos ámanhã a critica da revista Feira da Luz, *que ontem subiu á scena, com grande exito no Teatro da Trindade.*

SPUD EXPERIMENTE ESTE CIGARRO "MENTHOLADO" SPUD

NO PALACIO DE BELEM

Prosseguiram
esta tarde
as consultas para a solução
da crise ministerial

Tendo o sr. presidente do ministerio apresentado, na ultima sexta-feira, a demissão colectiva do gabinete ao Chefe do Estado, o sr. general Carmona iniciou ante-ontem, conforme noticiámos as consultas da praxe para a solução da crise ministerial.

Nos varios ministerios, estiveram ainda no sabado alguns ministros, que se limitaram a despachar assuntos de expediente diario.

O sr. Presidente da Republica não recebeu, de manhã, na cidadela de Cascais, qualquer visita.

O inicio das consultas no Palacio de Belem estava marcado para as 14 e 30.

Pouco antes dessa hora, deu entrada no Palacio o sr. general José Vicente de Freitas, presidente da Camara Municipal.

Passados alguns minutos, chegou o sr. dr. Oliveira Salazar, que era acompanhado pelo seu secretario, sr. dr. Simões Neves.

O sr. comandante Jaime Athias introduziu aquelas individualidades numa das salas contiguas ao gabinete particular do sr. general Carmona, cuja chegada se aguardava.

Efectivamente, pelas 14 e 25, chegou á estação de Belem o comboio em que viajava o sr. Presidente da Republica, que seguiu imediatamente para o Palacio, acompanhado pelos srs. comandante Pedroso de Lima, tenente Carvalho Nunes e Aderito Carmona, respectivamente oficiais ás ordens e secretario particular.

As conferencias de sabado

Iniciaram-se pouco depois as consultas da praxe sendo recebido em primeiro lugar o ministro das Finanças sr. dr. Oliveira Salazar, que após uma conferencia de três quartos de hora com o Chefe do Estado, abandonou o Palacio, não fazendo á saida quaisquer declarações aos jornalistas.

O sr. general Carmona recebeu depois o sr. general José Vicente de Freitas, sendo a conferencia demorada.

Até ás 19 e 35 o sr. Presidente da Republica conferenciou ainda com os srs. general Sinel de Cordes, antigo ministro das Finanças, coronel Morais Sarmento, antigo ministro da Guerra, coronel Farinha Beirão, comandante geral da Guarda Nacional Republicana; capitão-tenente Mesquita Guimarães, antigo ministro da Marinha, tenente-coronel Esmeraldo Carvalhais, chefe do protocolo do ministerio da Guerra, dr. Bettencourt Rodrigues, coronel Passos e Sousa, dr. Manuel Rodrigues, almirante Jaime Afreixo, general Alves Pedrosa e dr. Ribeiro Castanho, antigos ministros respectivamente dos Negocios Estrangeiros, Guerra, Justiça, Marinha, Agricultura e Interior.

Terminadas as conferencias o sr. general Carmona abandonou o Palacio, seguindo para a cidadela de Cascais no comboio das 19 e 50.

As conferencias de ontem

O sr. Presidente da Republica, chegou ontem a Belem pelas 15 horas vindo de Cascais, acompanhando-o os srs. capitão Silva Costa, tenente Carvalho Nunes e Aderito Carmona.

No palacio de Belem encontravam-se já os governadores civis de Lisboa, e de Beja, que haviam chegado pouco antes.

A's 15 e 15 deram entrada no palacio os governadores civis de todos os distritos á excepção dos de Vila Real e Bragança, que só chegariam á noite.

Pelas 15 e 30 o sr. general Carmona iniciou as suas conferencias com aquelas entidades, as quais se prolongaram até depois das 17 horas, seguindo então o Chefe do Estado para a cidadela.

* * *

A' noite chegaram a Lisboa os governadores civis de Bragança e Vila Real, que hoje foram recebidos em Belem pelo sr. geenral Carmona.

Com o Chefe do Estado, conferenciaram hoje tambem os comandantes das regiões militares ontem chegados a Lisboa.

A prisão dum curandeiro

Os agentes Anibal Costa e Ramos, da P. I. C., assaltaram hoje o «consultorio» do falso medico Julio Cruz, rua Forreia Teles, C. C., 1.º, prendendo o charlatão e as pessoas que aguardavam a hora da consulta.

Foi requisitado um carro celular que os conduziu para o Torel, onde fôram ouvidas, sendo depois mandadas em liberdade.

O curandeiro será julgado ámanhã no Tribunal dos Pequenos Delictos.

Uma "matinée,, de caridade

Uma festa de caridade promovida por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade é sempre a garantia de um espectaculo animado, distinto, organizado com bom gosto e um acentuado cunho de rara elegancia.

No sabado, ás dezasseis e meia, o São Luis abre as suas portas para um espectaculo promovido por um grupo de senhoras da nossa aristocracia, que vai marcar no nosso meio pela organização e pela lista «smart» da assistencia. Já têm lugares marcados as primeiras familias da nossa primeira sociedade.

Os poucos bilhetes que restam podem ser pedidos pelo telefone T. 115.

PRATAS D'ARTE
AUGUSTO LUIZ DE SOUZA, L.DA
FORNECEDORES DA CASA REAL DE ESPANHA — PREMIO D'HONRA NA V EXPOSIÇÃO DAS CALDAS DA RAINHA — MEDALHAS D'OURO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE BARCELONA (1929)
Abriu hoje ao publico o
SALAO DE VENDAS
16 -- Rua do Mundo -- 18
Telefone 155 LISBOA

DE LUTO

O funeral
da esposa
de Antonio Maria da Silva
constituiu
uma grande manifestação de pezar

No Cais dos Soldados, onde se encontra atracado o vapor "Pedro Gomes", procedeu-se hoje de manhã ao desembarque da urna que encerra o cadaver da sr.ª D. Adelina Antonia Marques de Lemos Silva, esposa do antigo presidente de ministerio e engenheiro sr. Antonio Maria da Silva, recentemente falecida no Funchal, onde fôra visitar seu marido.

Retirada a urna funeraria do "spardeck„ do porão n.º 4 da ré, foi esta, na presença das respectivas autoridades, desencaixotada no deposito do referido cais, donde depois de cumpridas as formalidades legais, foi conduzida numa carreta para a capela do cemiterio dos Prazeres, seguida de varias pessoas de familia e amigos politicos e pessoais do antigo presidente de ministerio.

Pelas 16 horas, a capela do cemiterio encontrava-se repleta de pessoas, erguendo-se ao centro a eça com a urna funeraria, coberta de corôas e ramos de flores.

Pouco depois, e com dificuldade, organizou-se o funeral, para jazigo de família, tendo antes sido rezada missa de corpo presente.

Entre a numerosa assistencia, constituida por pessoas de familia, representantes das comissões politicas do P. R. P., pessoal superior e inferior dos Correios e Telegrafos e amigos politicos e pessoais do engenheiro sr. Antonio Maria da Silva, lembramo-nos de ter visto os srs. general Roberto Baptista, dr. Corvinel Moreira, major Cortez dos Santos, dr. Domingos Pereira, dr. Ramon de la Feria, Cipriano Alberto dos Santos, José Paulo Athayde, dr. Pinto dos Santos, Tobias Jorge, general João Pereira Bastos, José Pereira Sampaio, dr. Adelino Furtado.

Dr. Magalhães e Menezes, capitães Pinto Correia e Rodrigues Alves, Jorge Saavedra representando o sr. Cunha Leal; engenheiros Luís Maria de Melo e Sabo e Daniel Sousa Pires, juís Antonio Augusto Arez, coronel Alberto Guimarães Peixoto e Cunha, José Eugenio Dias Ferreira, dr. Simões Raposo, dr. Manuel Bravo, major Armando Barata, Cunha Belem, coronel Helder Ribeiro, Antonio Augusto dos Santos, Alexandre Ferreira, Carlos Vasconcelos e Sá, dr. Gonçalves Teixeira, coroneis Oliveira Simões e Pires Monteiro, dr. Correia Ribeiro, José Ribeiro dos Santos, representando o sr. dr. Celorico Gil; dr. Julio Dantas, dr. Antonio José Pereira, comandante Veiga Ventura e Procopio de Freitas, dr. Dario Cabral, engenheiro Plinio Silva, Vivtorino Guimarães, dr. Pedro Fazenda, etc.

Uma casa de pratas
que é uma manifestação de beleza e modernismo

Augusto Luis de Sousa foi um artista lavrante da prata que honrou o nome português. Seus filhos tem-lhe seguido as pisadas, e Barcelona e Sevilha, ainda recentemente, mostraram os seus trabalhos como alguma coisa de muito notavel.

Não poderiam esses inteligentes e acreditados industriais ter encontrado uma melhor maneira de comunicar com o publico, do que o seu Salão de Vendas, hoje inaugurado, na Rua do Mundo, 18.

O arquitecto Tertuliano Marques conseguiu realisar uma obra interessante, original, europeia: um estabelecimento sem balcão que marca pelo bom gosto e pelo modernismo, sem fugir contudo ás regras que sempre hão-de dirigir a arte e a beleza.

English Stores & Bar
DELICIOSO CAFÉ
a peso e á chavena
PASTELARIA FINA
Five ó clock tea
R. Bernardino Costa, 42-44-Telf. T 1391 (vulgo corpo Santo), (este estabelecimento fecha ás 0 horas), Escolhida frequencia
Depositarios da Padaria Ingleza — BROOMFIELD'S